

ADILSON MARQUES

O REIKI

SEGUNDO O ESPIRITISMO

靈
氣



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ADILSON MARQUES

O reiki segundo o espiritismo

Este livro é dedicado a duas almas fraternas e muito especiais em minha vida: O Sérgio Parreli e a Karina Fröner. A vocês, o meu sincero agradecimento.

SÃO CARLOS - 2005

Introdução

Para trás, todos vós negadores do progresso, para trás, com as vossas crenças de uma outra época. Por que negais o progresso e quereis entravá-lo? É que, querendo vencer, vencer ainda e sempre, condensastes o vosso pensamento em artigo de fé, dizendo à Humanidade: “serás sempre criança, e nós, que temos a iluminação do alto, estamos destinados a te conduzir”. (Mensagem de um espírito publicada em Obras Póstumas, de Allan Kardec, p. 307)

Interpreto a mensagem acima como um sinal de que a espiritualidade não é monopólio de nenhuma religião e nem mesmo de caminhos espirituais codificados, como é o próprio Espiritismo. O sentido profundo dos valores espirituais encontra-se sempre em uma dimensão pessoal e intransferível. As doutrinas embaçam nossa experiência única com Deus e, muitas vezes, até a impede. Elas servem para preparar o neófito para o grande mergulho na realidade suprema e inefável de um Deus vivo, acolhedor e misericordioso, mas elas não são ainda a experiência numinosa.

Gradativamente, o que, a princípio, era para ser um caminho científico para auxiliar na renovação moral da humanidade, um caminho para a destruição filosófica do materialismo através da comprovação empírica da vida após a morte e da comunicabilidade natural com os “mortos”, o “espiritismo” virou, no Brasil, mais uma religião preocupada com doutrinação (catequese) e proselitismo. Esqueceu-se que o lema de Kardec era “fora da caridade não há salvação” e se criou um novo: “fora do espiritismo não há salvação”.

Porém, se retornarmos, sem pré-conceitos, aos livros de Kardec, nós vamos notar muitas diferenças entre o que ele denominou como Espiritismo e a prática mediúnica praticada no Brasil, cujo nome, numa análise mais acurada, deveria ser chamada de “kardecismo”.

Muitos adeptos do kardecismo comportam-se como os novos “doutores da Lei”, proclamando-se como os legítimos e únicos representantes do Cristo, e com imunidade para emitir opiniões pejorativas e preconceituosas contra as demais doutrinas, sobretudo, a Umbanda. Muitos apostam no discurso do medo, trocando o “inferno” dos católicos pelo “umbral” para intimidar quem frequenta terreiros ou se comunica com “índios” e “pretos-velhos”, os espíritos “selvagens”, “primitivos” e “inferiores”, como gostam de falar e de escrever. Preconceito ou não, quem somos nós para julgar?

Em nossa modesta opinião, o Deus misericordioso de Jesus abençoa todos os caminhos que desejam a regeneração da Terra e a purificação do espírito eterno. E não me parece que o desejo de Kardec fosse que se desmanchasse no ar sua racionalidade e o seu bom senso, para que, em seu nome, se praticasse o preconceito e o fanatismo religioso.

Felizmente, e graças a Deus, o Espiritismo está nas Leis da natureza, e ele é muito mais amplo e complexo que o kardecismo. Talvez este seja o movimento dominante no seio do Espiritismo brasileiro, o que nos leva a confundir, freqüentemente, Espiritismo com kardecismo e nos faz pensar que os demais movimentos espíritas sejam dissidências. Em essência nunca houve dissidência no movimento espírita. Ocorreu, e continuará ocorrendo, o desabrochar de agrupamentos não kardecistas.

Em outras palavras, o descontentamento com um certo “igrejismo” kardecista originou o “racionalismo cristão”, movimento que optou em seguir um caminho mais científico, como o fez Kardec; O preconceito às entidades indígenas, aos pretos-velhos e às “crianças”, originou a Umbanda, também chamada, corretamente, de Espiritismo de Umbanda, por Zélio de Moraes; O desrespeito às demais doutrinas espiritualistas, sobretudo, às do Oriente, originou o movimento espírita universalista que, através do ecletismo criativo, procurou aproximar o pensamento kardequiano da rica e ancestral espiritualidade oriental. E assim por diante.

Em suma, todos os movimentos acima são “espíritas”, pelo menos no sentido proposto nos livros kardequianos, mas não são, necessariamente, kardecistas. O mesmo pode ser dito das igrejas batistas, nos EUA, que acreditam na reencarnação e daquelas onde se pratica a psicografia.

Em seu livro Obras Póstumas, livro que muitos kardecistas resolveram classificar como “não-doutrinário”, Allan Kardec afirma que seria uma utopia pretender que o Espiritismo fosse organizado da mesma maneira no mundo todo. O Espiritismo possui, obviamente, princípios comuns: a imortalidade da alma, a reencarnação como uma lei natural, o fenômeno mediúnico e a lei da causa e efeito regendo nossas vidas. Porém, sua aplicação poderá variar sem que a unidade fundamental seja rompida. Além disso, afirma Kardec, que “lançar a pedra e o anátema”, práticas rotinizadas e banalizadas em muitas casas kardecistas, é “uma atitude anti-espírita”.

Em seus livros Kardec não critica nenhum ritual ou objeto ritualístico, ele apenas esclarece como eles funcionam. Afirma que sevem para facilitar a concentração e manter o pensamento elevado dos participantes. Com exceção de grupos espiritualistas que cobram pelo trabalho espiritual, que praticam magia negra ou que sacrificam animais, nenhuma outra prática espiritualista ou doutrina voltada para a caridade, a sã razão kardequiana censuraria.

Assim, como explicar a crítica que muitos livros kardecistas fazem às outras doutrinas espiritualistas? Vários livros, publicados pela FEB ou por editoras “espíritas”, são recheados de críticas ao Budismo, ao Hinduísmo e, principalmente, à Umbanda. Seria essa uma atitude kardequiana? Possivelmente não e, muito menos, cristã.

Modestamente, não acredito que Kardec defenderia que se proibisse a manifestação mediúnica de espíritos indígenas ou de pretos-velhos. O preconceito que existe no meio kardecista em relação a estas entidades é tão significativo que muitas livrarias “espíritas” não deixam expostos os livros dos espíritos Ramatís e de Ângelo Inácio, autores espirituais que ajudam a desconstruir este preconceito secular dos kardecistas em relação ao trabalho sagrado da Umbanda, mas os deixam escondidos para vender àqueles que os procuram.

Porém, acredito que virá o momento em que o importante trabalho das entidades espirituais que assumem essa forma simbólica nos trabalhos socorristas será valorizado e reconhecido também pelos kardecistas. Basta aguardar com resignação e coragem.

Para resgatar a chama sagrada que iluminou o espírito crítico e inquiridor de Kardec e que está na essência do Espiritismo, é necessário se voltar para o debate profícuo de idéias e de sentimentos que nos aproximem da divindade, que iluminem a chama eterna que se esconde no interior de cada criatura. E a *internet* é essencial neste processo, democratizando o acesso aos textos, pois o livro espírita não foi pensado para enriquecer autores ou editoras, mas para valorizar a espiritualidade. E esta vive da gratuidade e da doação desinteressada. Infelizmente, em volta do grande interesse da população por temas espirituais, formou-se uma rede de editoras publicando livros e revistas “espíritas”, unicamente com um objetivo: ganhar muito dinheiro. Uma editora paulista, por exemplo, chega a escrever na contra-capa de seus livros que a pessoa que reproduzir seus livros irá adquirir “carma”.

É por causa de tantos barbarismos que está na hora de valorizar o Espiritismo em seu sentido original, o kardequiano. Em outras palavras, como uma ciência que possui conseqüências filosóficas e morais.

Compreendendo que o Espiritismo kardequiano não é religião, conseguimos diferenciá-lo do kardecismo, uma religião medianímica importante que nasceu, no Brasil, derivada dos textos de Kardec, mas que não é o Espiritismo.

Com tal diferenciação, muitos erros de interpretação deixam de existir e quem se salva é o próprio Espiritismo que pode continuar sua marcha evolutiva, abrindo-se para novos temas e discussões transcendentais.

A leitura atenta e profunda da obra de Kardec nos autoriza a afirmar que, em nenhum momento, ele afirma que o Espiritismo é uma nova religião ou seita e nem há indícios que nos façam afirmar, como é corrente no meio kardecista brasileiro, que o “*Espiritismo é o futuro da religião*” ou “*a religião do futuro*”. Mais do que novas doutrinas que enchem a cabeça com teorias sobre Deus, nós necessitamos de experiências que revelem a realidade viva de Deus em nosso coração.

Assim, compreendendo a distinção acima, vamos nos aperceber, por exemplo, que nem todo Centro Espírita, apesar do nome, pratica o Espiritismo e que, muitas práticas classificadas, rotineiramente, como “não-doutrinárias” pelo kardecismo, podem e devem ser objetos de estudo do Espiritismo, pois são, essencialmente, manifestações espíritas.

Como afirmou Kardec no livro *Obras Póstumas* (p. 250), as crenças, tendências e o objetivo do Espiritismo são os seguintes:

- O elemento espiritual e o material são dois princípios, duas forças vivas da natureza, complementando-se e reagindo, incessantemente, uma sobre a outra. A missão da ciência é o estudo das leis da matéria e o **espiritismo, o estudo do elemento espiritual em suas relações com o elemento material** (grifo meu).
- Sendo o elemento espiritual um estado ativo da natureza, os fenômenos espíritas são tão naturais quanto os que tem sua fonte na matéria neutra. E o espiritismo é “uma doutrina filosófica que tem conseqüências religiosas, como toda doutrina espiritualista; por isso mesmo toca forçosamente às bases fundamentais de todas as religiões, (...) mas **não é uma religião constituída.**” (grifo meu)

Resgatando tais axiomas, é possível compreender que nem todos os movimentos kardecistas respeitam os princípios kardequianos que originaram o Espiritismo. Como afirmou Kardec: “*a tolerância, conseqüência da caridade, que é a base da moral espírita, lhe faz um dever **respeitar** todas as crenças.*” (OP, p. 337) Assim, autores e palestrantes que fazem críticas, quase sempre, grosseiras, frágeis e sem fundamento ao Budismo, ao Hinduísmo e, principalmente, à Umbanda, não podem ser classificados como kardequianos e muito menos como espíritas.

Apesar de muitos kardecistas se colocarem como os legítimos defensores da “pureza doutrinária”, nós devemos nos lembrar que Kardec (O.P., p. 341) afirmou, categoricamente:

*“É, pois, do dever de todos os Espíritas sinceros frustrar as manobras da intriga, que se podem urdir nos menores centros, como nos maiores. Deverão, antes de tudo, repudiar, da maneira mais absoluta, quem se colocar, por si mesmo, como um messias, seja como chefe do Espiritismo, seja como simples **apóstolo** da Doutrina”.*

Como diz a epígrafe que abre este estudo, *por que negais o progresso e quereis entravá-lo?* Que Deus abençoe aqueles que se dedicam ao estudo da Transcomunicação Instrumental, da Apometria, das novas terapias vibracionais etc., removendo as cinzas de um kardecismo intolerante e entrópico, para irradiar as luzes da espiritualidade viva desse momento de regeneração e brandura, onde o mais importante não é doutrinar, mas (co)mover corações.

As siglas que aparecem neste livro são referentes aos seguintes livros:

LE – Livro dos Espíritos. Araras/SP: IDE, 138^a edição, 2002.

OE – O que é Espiritismo. Araras/SP: IDE, 33^a edição, 1974.

LM – Livro dos Médiuns. Araras/SP: IDE, 59^a edição, 2001.

OP – Obras Póstumas. Araras/SP: IDE, 1^a edição, 1993.

EE – O Evangelho segundo o Espiritismo. São Paulo: Petit, 1997.

G – A Gênese. Araras/SP: IDE, 3^a edição, 1992.

Capítulo I

Afinal, o que é Espiritismo?

O Espiritismo é, pois, a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e o ensinamento dos Espíritos.

Kardec (O que é Espiritismo, p.186)

Kardec nos afirma que o Espiritismo é uma ciência experimental, constituída a partir das instruções dadas pelos Espíritos sobre **todos os assuntos** que interessam à Humanidade e, também, através das respostas às perguntas que lhes foram propostas, tendo sido recolhidas e coordenadas com cuidado (OE, p.186). Tais instruções possibilitaram a Kardec produzir três estudos fundamentais, um de ordem filosófica (O Livro dos Espíritos), um de ordem moral (O Evangelho segundo o Espiritismo) e um sobre o processo de comunicação mediúnica (O livro dos Médiuns).

Porém, devemos nos lembrar que Kardec viveu e escreveu imbuído pelos valores dominantes do homem europeu do século XIX: o evolucionismo, o positivismo, o cientificismo etc. Além disso, se tais livros abarcaram “todos” os assuntos que interessavam naquele momento da história europeia e ocidental, não significa que outros assuntos não possam ser abordados pelo Espiritismo. Ou será que eles dão conta de todos os assuntos que interessaram à humanidade do século XX e dos que interessarão à humanidade do século XXI?

Será que Kardec poderia prever que entre outros assuntos, o homem ocidental se preocuparia com a preservação do meio ambiente e, relacionado a este tema, com o vegetarianismo e com o direito dos animais? Ele poderia prever o surgimento de novas terapias vibracionais como os Florais, o Reiki, a Cromoterapia ou a Musicoterapia? Ou que o homem dito “civilizado” demonstraria um interesse gradativo pelas ancestrais filosofias e

práticas corporais do Oriente, tais como o T'ai Chi Chuan, o Yoga, a Meditação, o Do-In? E mesmo no campo do mediunismo, será que Kardec imaginaria que no século XX a Umbanda seria renovada, abolindo o sacrifício de animais e a cobrança pelo trabalho de assistência espiritual ou que haveria uma crescente manifestação mediúnica de entidades na forma de índios, pretos-velhos, crianças, orientais etc., além dos famosos médicos, literatos, padres e filósofos? Kardec poderia prever o surgimento da Transcomunicação Instrumental, justamente, no seio da Igreja Católica, no Vaticano? E a Apometria, com o diagnóstico de outras enfermidades espirituais?

Em suma, são tantos temas e assuntos *espíritos* que, se Kardec tivesse encarnado no século XX, teria produzido, ou orientado, muitos estudos *segundo o Espiritismo*.

Sendo o Espiritismo uma ciência experimental, tais assuntos apresentados acima, todos de interesse da humanidade, não podem ser levados aos Espíritos? Será que estes não podem abordá-los em reuniões mediúnicas?

Dentro da lógica e do bom senso kardequiano, tudo leva a crer que sim. Porém, consolidou-se, no século XX, um movimento kardecista para o qual todo e qualquer assunto que não esteja contido nas chamadas “obras da codificação” não é “doutrinário”. Desse ponto de vista, os Espíritos que ousam abordá-los são rotulados como “mistificadores” e os médiuns que os escutam de “fascinados”.

Os seguidores de tal movimento insistem em escrever e propagar que a Umbanda não é Espiritismo, que uma série de terapias ensinadas por espíritos não é Espiritismo etc. Possivelmente tais escritores nunca leram o artigo “o espiritismo entre os druidas”, publicado em 1858, na revista Espírita, editada pelo próprio Kardec. Se para o codificador do Espiritismo até os druidas (que eram tidos como “supersticiosos” e “sanguinários” pelos cristãos) praticavam “espiritismo”, porque não os umbandistas e os nossos silvícolas? E se até Sócrates, que defendia o aborto para controlar o crescimento populacional, é considerado precursor do espiritismo, porque tanto pavor diante de uma entidade indígena ou de um peto-velho?

Tais contradições só poderão ser resolvidas quando reconduzirmos a questão espírita para o campo proposto por Kardec: o da Ciência. Compreendendo que o Espiritismo é um campo de pesquisa experimental onde todos os assuntos da humanidade

são objetos de estudo, a “doutrinação” cai por terra, uma vez que, a ciência tem como meta compreender e explicar o mundo. A doutrinação pertence a outro departamento: o da religião. Logo, não deve ser pensado como um kardequiano ou um cientista espírita quem afirma que um determinado assunto, ainda mais envolvendo a espiritualidade, não seja “doutrinário”.

Kardec parece ter profetizado quando afirmou que ao lado da Doutrina Espírita poderão se formar seitas fundadas ou não sobre os princípios do Espiritismo (O.P., p. 336). E o kardecismo é, com certeza, a mais importante delas. Mas é importante salientar que não foi Kardec quem criou o kardecismo. Aliás, não custa realçar, sempre afirmou que o campo de pesquisa do Espiritismo é o científico e não o religioso. As forças no meio kardecista que não aceitam que novos temas sejam discutidos (com o argumento de salvaguardar a pureza doutrinária), demonstram apenas que se renderam ao dogmatismo e ao fanatismo. Pois é sempre mais fácil e cômodo, para se fazer prosélitos, manter-se preso às frases feitas, decoradas e proferidas exaustivamente do que raciocinar de forma independente e crítica, o objetivo maior de Kardec. O Espiritismo proposto por Kardec não está preocupado em fazer prosélitos e muito menos em “doutrinar”.

Em suma, o cientista espírita possui consciência histórica e sabe que a História e o mundo se transformam, assim como as imagens que as pessoas têm desse mesmo mundo. É por isso que há um fosso significativo e quase intransponível entre a ciência e a religião. A primeira é feita, sobretudo, com consciência. Ela é dinâmica, neg-entrópica, e seus métodos, suas heurísticas e seus objetos são sempre renovados, quando necessários. E assim é também com o Espiritismo, a ciência experimental criada por Kardec, mesmo que ele ainda não seja reconhecido pelos donos do saber acadêmico e não obtenha recursos para pesquisas. Aliás, hoje em dia, é mais fácil obter recurso para congelar corpos em decomposição e esperar o dia em que a ciência poderá “ressuscitá-los”, do que para realizar pesquisas sérias sobre reencarnação e imortalidade da alma.

Apesar de dinâmica, a ciência espírita, ainda hoje, deve seguir o mesmo axioma anunciado por Kardec, no Livro dos Espíritos:

*Ela (a ciência espírita) exige um estudo assíduo e, freqüentemente, longo demais; não podendo provocar os fatos, é preciso esperar que eles se apresentem e, no geral, eles são conduzidos por circunstâncias das quais nem ao mesmo se sonha. Para o observador atento e paciente, os fatos se produzem em quantidade, porque ele descobre milhares de nuances características que são, para ele, rasgos de luz. Assim o é nas ciências vulgares; enquanto que o homem superficial não vê numa flor senão uma forma elegante, o sábio nela descobre tesouros pelo pensamento. (...) Portanto, não nos enganemos, **o estudo do Espiritismo é imenso, toca em todas as questões da metafísica e da ordem social, e é todo um mundo que se abre diante e nós** (LE, p. 32. Grifo meu).*

Podemos compreender pela passagem acima que Kardec possui uma mentalidade aberta e científica, nada dogmática ou religiosa. Os fatos espíritas se produzem em quantidade, ele afirma. Se todo um mundo se abre diante de nós, e lembrando que o Livro dos Espíritos necessitou de seis edições para, finalmente, Kardec concluir que aquele estudo estava encerrado, percebe-se que não é fácil fazer a ciência proposta por Kardec. Diferentemente, porém, é o agir doutrinador kardecista. Repetindo, acriticamente, frases e palavras fora do contexto em que foram criadas e julgando tudo o que possa renovar ou aprofundar o estudo espírita como “não-doutrinário”, o kardecismo não faz ciência, apenas “proselitismo”.

Felizmente, porém, acertam quando se consideram membros de uma religião. É a religião que se preocupa com doutrinação e catequização, não a ciência. Diversos assuntos não são “doutrinários” para o kardecismo, mas interessam ao cientista espírita. Enquanto a religião se preocupa em fazer prosélitos; a ciência produz e difunde conhecimento.

Reconduzindo o Espiritismo ao seu devido lugar, o da Ciência, necessitamos retomar o papel dos Espíritos e o objetivo do Espiritismo, segundo Kardec:

Os Espíritos não estão encarregados de nos trazerem a ciência pronta. Seria, com efeito, muito cômodo se nos bastasse perguntar para

sermos esclarecidos, poupando-nos assim o trabalho de pesquisa. (...) Os espíritos não vêm nos livrar dessa necessidade: eles são o que são e o Espiritismo tem por objeto estudá-los, a fim de saber, por analogia, o que seremos um dia e não de nos fazer conhecer o que nos deve estar oculto, ou nos revelar as coisas antes do tempo (OE, p. 68, grifo meu).

Kardec deixa claro que o objetivo do Espiritismo é fazer ciência, estudando os Espíritos e que tal ciência não se encontra pronta. É nesse sentido que temos que entender a expressão codificação. Codificar também é um ato ativo, que exige trabalho, criatividade e criticidade. Quantas pessoas não afirmam que Kardec não teve papel ativo, não criando nada, apenas “codificando” os ensinamentos dos espíritos, o que dá ao termo codificação um sentido quase “metafísico” e “sobrenatural”. Kardec foi importante e ativo, inclusive manifestando criativamente seu preconceito eurocêntrico, fato que foi, inclusive, respeitado pela espiritualidade, como veremos adiante.

E como todo campo científico, o Espiritismo também deve se aprimorar, mudar de paradigmas, de heurísticas etc. E, no âmbito científico, a única conclusão cabal que se pode tirar do Espiritismo é que há *influência do mundo invisível sobre o mundo visível*. E que já se pode definir algumas *das relações que existem entre eles*. Porém, afirmar que o Espiritismo já revelou tudo sobre o mundo espírita e que mais nada há para se estudar, é muita preguiça mental. Da mesma forma que afirmar que o correto é contatar a espiritualidade somente através de médiuns sentados em volta de uma mesa, e que o médium “incorporado” nunca pode se locomover pelo ambiente de trabalho mediúnico. Tais afirmações são de ordem metodológica, e não valores doutrinários.

Como já nos referimos, as pesquisas de Kardec trouxeram conseqüências importantes, sobretudo para o âmbito filosófico e moral. Ou seja: “*A prova patente da existência da alma, da sua individualidade depois da morte, da sua imortalidade e do seu futuro*”.(OE, p. 70) Isto é o mais importante. Todo o resto se constitui em métodos e

heurísticas que constituem as diferentes modalidades de Psiconomias¹, em outras palavras, processos de racionalização e de metodologias para o intercâmbio mediúnico.

Assim, se os kardecistas só trabalham sentados em volta de uma mesa, não quer dizer que outras linhas espíritas não possam se organizar de outra forma para recepcionar e trabalhar com os irmãos desencarnados. Se os kardecistas necessitam de mesas, outros agrupamentos necessitam de macas, colchonetes, elementos da natureza etc.

O importante é que há todo um vasto mundo aberto para ser conhecido com o advento da ciência espírita. E é por isso que Kardec, preferindo seguir seu estudo pelo campo da cientificidade, reforçou, freqüentemente, que *“há duas coisas no Espiritismo: a parte experimental das manifestações e a doutrina filosófica”* (OE, p. 78). É importante ressaltar que ele fala sempre em doutrina filosófica e não em doutrina religiosa. Além de não falar em religião em nenhum momento, Kardec afirma que foi a Igreja Católica que transformou o Espiritismo em religião:

Pela natureza e veemência de seus ataques, ela alargou a discussão e a conduziu para um terreno novo. O Espiritismo não era senão uma simples doutrina filosófica e foi ela mesma que o engrandeceu apresentando-o como um inimigo terrível; enfim, foi ela que o proclamou como uma nova religião. Foi uma imperícia, mas a paixão não raciocina (OE, p. 86).

Porém, se foi a Igreja Católica que tentou transformar o Espiritismo em religião, fato que o kardecismo assumiu de braços abertos, está na hora de reconduzir a discussão para a esfera proposta por Kardec para que a “imperícia” não se torne ainda mais grave e o Espiritismo morra de inanição. Está explícito na obra de Kardec que o Espiritismo não é religião. Assim, todos aqueles que pretendem ser coerentes com o pensamento kardequiano

¹ Assim, o kardecismo, a umbanda, a apometria e a própria transcomunicação instrumental desenvolvem seus próprios métodos e heurísticas, de acordo com o objetivo que cada modalidade mediúnica necessita. Todas elas são sistemas singulares para o intercâmbio mediúnico, não sendo possível afirmar, categoricamente, qual é o melhor e qual o pior. Qual envolve apenas espíritos “superiores” e qual está nas mãos de espíritos “inferiores”.

devem reconduzir o debate sobre o Espiritismo ao seu devido lugar: o domínio da Ciência e o da Filosofia. “Não-doutrinário” é querer transformar o Espiritismo em religião. O que o kardecismo tem proposto nestes anos todos é o que está manchando a “pureza doutrinária” do Espiritismo.

Em outras palavras, já passou da hora de retomar o pensamento kardequiano para que a ciência espírita, ou seja, o Espiritismo, seja aprimorado. Se alguém quiser falar que o kardecismo é a “religião do futuro ou o futuro da religião”, como se lê, rotineiramente, em livros, em revista e na *internet* que fale, mas nunca diga que o Espiritismo é a religião do futuro, pois religião ele nunca foi e nem o será. Respeitar a memória e a obra de Kardec é de fundamental importância.

Isso não quer dizer que o Espiritismo não acarrete em significativas e importantes conseqüências morais e éticas, pois toda ciência feita com consciência deve ter tais conseqüências. E para que não reste nenhuma dúvida, analisemos a passagem abaixo de Kardec para desfazer qualquer mal-entendido a esse respeito:

O Espiritismo está fundado sobre a existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram sobre a Terra, ou em outros globos, onde deixaram seu invólucro material. São a esses seres que damos o nome de Espíritos. Eles nos rodeiam permanentemente, exercendo sobre os homens, com o seu desconhecimento, uma grande influência; eles desempenham um papel muito ativo no mundo moral, e, até um certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo, pois, está na Natureza e pode-se dizer que, em uma certa ordem de idéias, é uma potência, como a eletricidade o é em outro ponto de vista, como a gravitação o é em outro. Os fenômenos, dos quais o mundo invisível é a fonte, são efeitos produzidos em todos os tempos; eis porque a história de todos os povos deles faz menção. Somente que, em sua ignorância, como para a eletricidade, os homens atribuíram esses fenômenos a causas mais ou menos racionais, e deram a esse respeito livre curso à imaginação.

*O Espiritismo, melhor observado depois que se vulgarizou, veio lançar luz sobre uma multidão de questões até aqui insolúveis ou mal compreendidas. **Seu verdadeiro caráter, pois, é o de uma ciência, e não de uma religião; e a prova disso é que conta entre seus adeptos homens de todas as crenças, que não renunciaram por isso às suas convicções: católicos fervorosos que não praticam menos todos os deveres de seus cultos, quando não são repelidos pela igreja, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos, e até budistas e brâmanes. Ele repousa, pois, sobre princípios independentes de toda questão dogmática. Suas conseqüências morais estão no sentido do Cristianismo, porque o Cristianismo é, de todas as doutrinas, a mais esclarecida e a mais pura, e é por essa razão que, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos estão mais aptos a compreendê-lo em sua verdadeira essência. Pode-se, por isso, fazer-lhe uma censura? Cada um, sem dúvida, pode fazer uma religião de suas opiniões, interpretar à vontade as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova igreja, há distância.***

*(...) Procedemos em nossos trabalhos com calma e recolhimento, porque é uma condição necessária para as observações e, em segundo lugar, porque conhecemos o respeito que se deve àqueles que não vivem mais sobre a Terra, qualquer que seja sua condição, feliz ou infeliz, no mundo dos Espíritos. Fazemos um apelo aos bons Espíritos porque, sabendo que há bons e maus, resulta que estes últimos não vêem se misturar fraudulentamente nas comunicações que recebemos. **O que tudo isso prova? Que nós não somos ateus, mas isso não implica, de nenhum modo, que sejamos religiosos.**(OE, p. 89 e seguintes. Grifos meus)*

Apesar de ser uma longa citação, ela é importante para desfazer qualquer dúvida. Aliás, se Kardec escrevesse tal passagem no século XX, possivelmente teria acrescentado a Umbanda entre as religiões cujos adeptos seriam espíritas, pois o umbandista, mais do que os fiéis de outras religiões, acredita nas manifestações dos Espíritos, pois trata-se de uma

religião que se utiliza do mediunismo em suas práticas sagradas e em seus rituais. Daí não fazer sentido a aversão de muitos kardecistas à Umbanda ou sua necessidade sombria de afirmar que a Umbanda não é Espiritismo. Na verdade, a Umbanda é uma religião espírita, pois se fundamenta na manifestação de Espíritos. Portanto, o cientista espírita estuda a Umbanda e qualquer religião sem preconceitos e não as condena porque utilizam ritos e outras práticas religiosas. O Espiritismo não tem ritos ou rituais porque é ciência e a ciência, por seu caráter, deve ter métodos e heurísticas que são sempre colocados em discussão e não rituais ou dogmas.

A passagem abaixo torna ainda mais evidente tal reflexão:

*... Uma vez que, por toda parte que haja homens, há almas ou Espíritos, que as manifestações são de todos os tempos, e que o relato se encontra em todas as religiões, sem exceções. **Pode-se, pois, ser católico, grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos, e por conseqüência, ser Espírita; a prova é que o Espiritismo tem adeptos em todas as seitas.** (OE, p. 189, grifos meus).*

Está claro na passagem acima que o Espiritismo não é uma nova seita e que Espírita, na acepção sugerida por Kardec, é aquele que acredita na manifestação dos Espíritos. Assim, como afirmar que o umbandista não é Espírita? Somente quem não conhece a obra de Kardec pode fazer tal afirmação pueril.

E um exemplo positivo de como o Espiritismo, como ciência, pode até ajudar na renovação dos cultos religiosos, encontramos no pioneiro e transgressor trabalho de Zélio de Moraes, no início do século XX, no Rio de Janeiro, no qual, baseando-se nos ensinamentos dos Espíritos, aboliu, na Umbanda, o sacrifício de animais, a cobrança pelos serviços socorristas, enfatizou que a Umbanda deve praticar a caridade e seguir o preceito cristão “*daí de graça o que de graça recebestes*”, valorizou as entidades que se manifestam como índios, pretos-velhos e crianças, compreendendo a representação simbólica que possuem etc., e deu um nome adequado para essa modalidade de socorro mediúnico que

estava ajudando a criar: *Espiritismo de Umbanda*. Seria um erro se ele a chamasse de Kardecismo de Umbanda. Porque a Umbanda e o Kardecismo possuem métodos diferentes de trabalhar com o plano espiritual. São psiconomias distintas. Mas não resta dúvida que ambas são manifestações espíritas.

Outro exemplo é em relação ao Reiki, uma espécie de “passe” oriental que virou moda no Ocidente, por volta da década de 1980, o assunto principal deste livro. Através dos ensinamentos dos Espíritos foi possível tomar consciência que esta forma de “fluidoterapia” envolve o mundo espiritual através de uma equipe de médicos desencarnados, preparados para esse trabalho socorrista e que também deve ser praticada através da caridade, gratuitamente, e que não é qualquer pessoa que pode atender com o Reiki, mas quem é, em suma, “médium de cura”, independente de passar por uma, três, dez ou cinquenta “sintonizações”. Quanto aos símbolos, estes nenhuma serventia metafísica possuem, mas são ensinamentos morais baseados no Budismo e em outras filosofias orientais e servem para dar confiança ao passista e aumentar a fé pelo emprego do símbolo.

E discutir o Reiki é fundamental hoje em dia, pois um fato insólito vem acontecendo em muitos “centros espíritas”. Muitos kardecistas aplicam, gratuitamente, o “passe” nos dias e horários de trabalho mediúnico e, em outros, aplicam o “reiki” cobrando pela sessão. O argumento que utilizam é que o “passe” e o “reiki” são terapias diferentes. E que, a segunda, não envolveria a espiritualidade.

A falta de esclarecimento sobre o funcionamento da técnica faz com que enxerguem no “reiki” uma fonte de renda. Cobram para ensinar meia dúzia de símbolos “sagrados” ou cobram pela sessão. Mas, a Lei é óbvia: quanto mais conhecimento, maior a responsabilidade. E o espírita é aquele que será mais cobrado, porque detém mais conhecimentos sobre os mecanismos da mediunidade e da vida espiritual. Lembremos, também, que Kardec alertou que a cobrança moral será ainda maior sobre os médiuns de cura.

Assim, o kardecista que finge ver diferenças entre o “passe” e o “reiki”, visando ganhar dinheiro com a imposição das mãos, colherá, certamente, no futuro, o que semeia no presente.

Segundo a espiritualidade, o avanço do “reiki” no mundo todo estava previsto para o século XX, mas que chegou a hora de romper com esse viés mercadológico que o incentivou, resgatando sua verdadeira dimensão sagrada. Da mesma forma que do lazer proporcionado pelas mesas girantes, em meados do século XIX, Kardec evidenciou a existência de consciências incorpóreas, o mesmo deve acontecer com o “reiki”. Gradativamente, a revelação espiritual chegará a todos os cantos do planeta e o “reiki”, que já é até reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), vai se transformar em um trabalho de cura espiritual importante, generalizado, porém, gratuito.

No Brasil, esse fenômeno já começou. Por volta de 2001, a Espiritualidade que atua na ONG Círculo de São Francisco, em São Carlos/SP, esclareceu os médiuns a esse respeito. Se o procedimento adotado no “reiki” é diferente do “passe” (usa-se macas e a pessoa recebe energia deitada; permite-se uma música ambiente ao fundo e aromas², por exemplo; o paciente não é tratado de forma impessoal etc.) a essência do trabalho é a mesma. Ou seja, o tratamento é realizado pela espiritualidade socorrista que utiliza o ectoplasma fornecido pelos médiuns de cura. E todo o tratamento envolve a questão do merecimento.

No caso dos animais, um dos argumentos utilizados pelos que cobram pelo tratamento e defendem a dimensão miraculosa do “reiki”, a explicação é óbvia: o animal não tem carma. Ele não precisa drenar toxinas do perispírito para o corpo físico devido aos erros pregressos. Assim, o tratamento de nossos irmãos menores não envolve a questão do “merecimento”. E é por isso que o “reiki” também cura animais e plantas. Mas com o ser humano segue a lei numinosa da ação e reação e a cura depende da transformação interior e do merecimento do paciente.

Além da ONG, já tivemos notícias de outros núcleos onde a espiritualidade já fez esse alerta. O esclarecimento já foi feito na cidade de Santa Rita do Passa Quatro, em uma das mais conhecidas casas de Umbanda do estado de São Paulo. O mesmo já aconteceu em centros espiritualistas de Pernambuco e do Rio Grande do Sul e, possivelmente, em outros locais também, apesar de não termos conhecimento do fato.

² Um irmão indígena (espírito) falava quando aplicávamos reiki em outro local: “levem os seus ‘palitinhos de cheiro’”, referindo-se aos incensos e ao papel importante da aromaterapia.

Mas é necessário ressaltar que, quando uma verdade é revelada, ela não acontece em apenas um único local. Ela acontece de forma ampla e em vários locais diferentes.

Infelizmente, alguns dirigentes de casas kardecistas se recusam em discutir o “reiki”, dizendo tratar-se de assunto não-doutrinário. Agindo dessa forma apenas impedem ou dificultam que a verdade venha à tona mais rapidamente. Com a omissão, colocam-se ao lado dos mistificadores e das consciências desencarnadas que não querem que a verdade seja revelada, para que o “reiki” continue sendo pensado como uma terapia miraculosa, cara e carregada de misticismo.

É objetivo da espiritualidade superior desmanchar o charlatanismo e a mistificação nesta rentável prática “nova era”, como aconteceu, no século XIX, com as mesas girantes estudadas por Kardec.

E tudo isso é possível porque, como afirmou Kardec:

*A própria doutrina que os Espíritos ensinam hoje, nada tem de nova; se a encontra, por fragmentos, na maioria dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia, e toda inteira no ensinamento do Cristo. Que vem, pois, fazer o Espiritismo? **Ele vem confirmar por novos testemunhos, demonstrar por fatos, verdades desconhecidas ou mal compreendidas, restabelecer, em seu verdadeiro sentido, aquelas que foram mal interpretadas.** (OE, p. 188, grifo meu)*

Com esses dois exemplos (e poderíamos dar muitos outros) pode-se demonstrar como o Espiritismo é uma ciência dinâmica e extremamente atual. Se Kardec optou, no século XIX, em estudar a mediunidade, o mundo dos Espíritos e o evangelho cristão, nada implica que outros temas não possam ser estudados pelo Espiritismo. Nada nos impede de fazer um estudo espírita dos livros sagrados do Oriente, por exemplo, estudar o “Bhagavad-Gita segundo o Espiritismo” ou “Os Sufismos budistas segundo o Espiritismo”. Como também é possível estudar o Reiki, a Apometria, a Umbanda segundo o Espiritismo, seguindo,

porém, as recomendações e cuidados propostos por Kardec, no Livro dos Médiuns, para se fazer o intercâmbio mediúnicos. Lembrando mais uma vez Kardec, ele afirmou:

Muitas pessoas pensam que o Livro dos Espíritos esgotou a série de perguntas de moral e de filosofia; é um erro; por isso, é talvez útil indicar a fonte de onde se pode tirar assuntos de estudo por assim dizer, ilimitados.

(...) O valor da instrução que se recebe sobre um assunto qualquer, moral, histórico, filosófico ou científico, depende inteiramente do estado do Espírito que se interroga; cabe a nós julgar. (LM, p. 402)

Está explícito acima que Kardec gostaria que novas pesquisas fossem feitas. Que outros assuntos fossem tratados pelo Espiritismo. Além disso, podemos rever alguns dos assuntos discutidos por Kardec, como é o caso da civilização e da evolução das raças. Qualquer estudante de história ou antropologia sabe que as expressões “civilizado” e “primitivo”, criadas no século XIX, por pensadores europeus, são expressões ideológicas e preconceituosas. Não foram os Espíritos que as criaram, mas responderam as perguntas de Kardec sobre a evolução das raças de uma forma que fosse possível ao homem do século XIX compreender seus ensinamentos. Porém, atualmente, quando a mentalidade dominante é a da defesa da pluralidade cultural e racial, ou que a divisão dos povos em primitivos e civilizados caiu por terra, não é só possível, mas necessário, retomar esse assunto junto aos Espíritos, pois, com certeza, nosso estágio evolutivo já nos permite compreender tais fenômenos de um ponto de vista diferente, mais complexo e sem os preconceitos eurocêntricos que se encontram nas entrelinhas da obra de Kardec. Hoje em dia, quem ousaria escrever, como o fez Kardec, a frase abaixo:

O negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas não é belo no sentido absoluto, porque os seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos;

podem bem exprimir as paixões violentas, mas não saberiam se prestar às nuances delicadas dos sentimentos e às modulações de um espírito fino (OP, p. 165).

Para a ciência do século XIX, ideológica e eurocêntrica, tal afirmação poderia até ser “científica”, mas hoje demonstra puro preconceito. Mas tal passagem infeliz deve desmerecer todo o resto de sua pesquisa? É claro que não. Além disso, os próprios Espíritos deram a pista para Kardec, que vale para os não-espíritas (para tirar o *argueiro* de seus olhos), mas, sobretudo, aos espíritas (para tirar a *trave* que carregam nos olhos):

Aliás, não é bom contrariar muito bruscamente os preconceitos; esse seria um meio de não ser mais ouvido; eis porque os Espíritos falam, com freqüência, no sentido da opinião daqueles que os escutam, a fim de conduzi-los pouco a pouco a verdade. Apropriam sua linguagem às pessoas, como tu mesmo o faria, se és um orador um pouco hábil; por isso não falarão a um chinês ou a um maometano, como falarão a um francês ou a um cristão, porque estariam bem seguros de serem repellido (LM, 367).

Um bom interprete sabe que esta frase também estava sendo endereçada a Kardec, um europeu positivista que acreditava que o mundo era dividido entre “primitivos” e “civilizados”, entre “inferiores” e “superiores”, que o mundo seguiria um caminho inexorável onde a Europa seria o modelo a ser seguido pelas demais civilizações, etc. Logo, os próprios Espíritos não poderiam atacar de frente o preconceito europeu, pois poderiam não ser escutados. Imaginem se ao invés de padres, filósofos ilustres, políticos consagrados etc., os Espíritos que se manifestassem para a “codificação” fossem índios, pretos-velhos ou orientais usando turbantes? Seriam, como ocorre ainda hoje, taxados de “inferiores” e de “mistificadores”, e expulsos das reuniões mediúnicas.

Para não dar voz às entidades “inferiores”, na década de 1920, a Federação Espírita Brasileira publicou em sua revista que os índios e os pretos-velhos, apesar de virem do mundo astral, não se pautam pelo kardecismo. Nesse aspecto, ela tem razão, porque já apontamos a diferença entre Espiritismo e kardecismo. O que não se pode afirmar é que tais manifestações não são Espíritas. Caso contrário, estaríamos dando uma nova conotação ao termo criado por Kardec.

E o fato de Kardec escrever que é ilógico admitir que o espírito de um “selvagem” se torne, de repente, sábio e virtuoso, ao desencarnar (OE, p. 117), não significa, necessariamente, que o índio é um ser intermediário entre o animal e o homem ou que é o atual responsável pela violência urbana, como dizem alguns kardecistas³ em suas palestras ou escrevem em seus livros.

Nem todo índio é “selvagem” e nem todo aquele que vive nos grandes centros urbanos é “civilizado”. Além disso, sabendo da existência da reencarnação, quem pode afirmar que muitos “civilizados” não necessitarão encarnar em aldeias indígenas ou que muitos índios, hoje encarnados na Terra, já não foram ilustres “civilizados”, vivendo a personalidade de filósofos, cientistas ou reis na Europa? E, no Livro dos Médiuns, quando Kardec afirma que apenas os “espíritos superiores” são capazes de realizar reuniões no desdobramento e manter a consciência do que foi discutido, será que ele tinha conhecimento que vários antropólogos descrevem que tal fato ocorre também em várias comunidades indígenas, isoladas territorialmente? Se soubesse, talvez não faria tal afirmação ou não daria margem para se pensar que os povos indígenas são, necessariamente, “inferiores” ou “selvagens”.

Curiosamente, o kardecismo resgatou o valor do povo celta ou dos druidas, classificados pelos antigos cristãos como povos “sanguinários” e “selvagens”. Tudo isso porque a espiritualidade revelou que Allan Kardec⁴ teria sido o nome que Denizard Hipolyte Leon Rivail teve em uma de suas encarnações. Será que teremos que esperar a

³ Um livro kardecista muito famoso traz a seguinte informação “doutrinária”: a de que os índios são os bárbaros que invadem, através da reencarnação, o mundo civilizado, sendo, assim, os responsáveis pela violência urbana.

⁴ Um livro famoso e facilmente encontrado nas livrarias e bancas espíritas chama-se “Allan Kardec: o druida reencarnado”, de Eduardo Carvalho Monteiro. O livro revaloriza o conhecimento desse antigo povo que habitou a Gália, mas que foi estigmatizado pelos romanos e pelos cristãos.

espiritualidade revelar alguma encarnação indígena ou africana de algum “apóstolo” do kardecismo para a ancestralidade indígena e a dos africanos também não ser resgatada e valorizada?

Sabendo que o meio sócio-cultural é apenas mais um cenário onde o Espírito eterno encontra as condições mais ou menos favoráveis para o seu aprimoramento moral, emocional e intelectual, ou seja, onde representa mais uma personalidade nesse jogo fascinante que é a reencarnação, não faz sentido acreditar no evolucionismo linear que condicionou a ciência no século XIX. Curiosamente, se a própria ciência materialista já abandonou esta forma de pensar, porque ela deve permanecer na ciência espírita?

Assim, fazer tais questionamentos aos Espíritos, mesmo sabendo que eles não sabem tudo, pois são apenas as almas das pessoas que deixaram seu envoltório terrestre, não é desmerecer Kardec ou manchar a “pureza” doutrinária, como pensam alguns kardecistas, mas compreender que a história é dinâmica, que os temas se atualizam e que o Espiritismo deve acompanhar tal processo.

Kardec, ao contrário de Conte (o criador do Positivismo ou Doutrina Positivista e, posteriormente, o criador da religião Positivista, um culto novo ou um sistema de fé sem Deus), não se preocupou em fundar uma nova “igreja”. A religião kardecista foi criada por alguns seguidores de Kardec, que retiraram a dimensão experimental de sua obra e a transformaram em um sistema de fé, infalível e inabalável.

Na obra de Kardec há uma dimensão moral subsequente que, hoje em dia, seria mais adequado tratar como dimensão ética. Podemos dizer, também, que existe uma religiosidade, ou, em uma linguagem moderna, uma espiritualidade em sua obra, mas não, necessariamente, uma religião.

E mesmo no texto publicado na Revista Espírita, de dezembro de 1868, no qual Kardec defende que o “Espiritismo é religião”, devemos procurar interpretar com mais cuidado tal texto e contextualizá-lo para não deturpá-lo. Kardec, com seu rigor lógico-positivista, enfatizou que há duas concepções para o vocábulo religião. Um é no sentido clássico de *religare*, ou seja, enquanto uma comunidade de sentimentos, princípios e crenças, na qual há laços morais que unem mentes e corações. É nesse sentido também que antropólogos contemporâneos estudam o marxismo, por exemplo, e o classificam como

uma religião política, pois é uma doutrina que agregou e ainda agrega mentes e corações, constituindo-se em um sistema de Fé dos mais fanatizados e intolerantes.

Nesse sentido mais amplo, o Espiritismo seria uma “religião”. Mas Kardec enfatiza que há o sentido mais restrito e usual, em que o vocábulo religião significa uma espécie de culto, onde há a necessidade de uma casta sacerdotal, hierarquias, rituais etc. Por não ter esse segundo sentido, Kardec enfatiza que é melhor denominar o Espiritismo como uma doutrina científica.

Hoje em dia com a distinção entre as expressões religião e religiosidade esta polêmica parece estar resolvida. Assim como não se confunde mais autoritarismo com autoridade, poucas pessoas confundem religião com religiosidade. E talvez nem mesmo a palavra religiosidade se sustente por muito tempo. O frei Leonardo Boff em seu livro “espiritualidade: um caminho de transformação” faz uma distinção entre religião e espiritualidade, demonstrando como esta se relaciona às qualidades do espírito humano para além das crenças, dogmas e rituais. Apesar de distintas, religião e espiritualidade podem se relacionar e conviver. E uma pessoa, mesmo sem ter religião, pode alcançar um alto grau de espiritualidade se procura pautar sua vida por valores como o amor, a paciência, a tolerância, o perdão etc.

Hoje em dia, no meio kardecista, existe o *rito* de apenas ler os chamados “livros recomendados”. Seus *fiéis* procuram sempre consultar as “autoridades” kardecistas para saber quais os livros que podem ou não ser lidos. E, curiosamente, já há grupos que não recomendam nem os livros de Kardec. Dizem que “Obras Póstumas”, “O que é espiritismo” e “A Gênese” não fazem parte dos livros da codificação espírita e que não devem ser lidos. Outros dizem que mesmo os livros da codificação são difíceis e que o neófito deve se instruir a partir das “apostilas” escritas por algum kardecista experiente. Ou seja, agem como se estivéssemos na Idade Média.

Analisando algumas dessas apostilas, produzidas por “centros espíritas” de São Carlos, encontrei passagens curiosas. Por exemplo, em uma delas afirma-se que *entidades que se manifestam como orientais e passam orientações pautadas pela ciência ou filosofia do Oriente são mistificadoras*. Será? Onde Kardec escreveu isso? Com certeza, o alvo dos autores da apostila era o espírito Ramatís, uma espécie de “Leonardo Boff” ou de “Herbert

Marcuse” do espiritismo. Uma pedra no sapato daqueles que defendem a “pureza doutrinária”.

A prática descrita acima não me parece ser importante para se defender a “pureza doutrinária”. Ao contrário, parece servir para se evitar a insurgência da criatividade e da verdadeira fé racionalizada. Parece uma defesa da obediência cega, da mediocridade e da acomodação.

Não é à toa que muitos livros cujos autores afirmam se devotar à ciência espírita não passam, em uma leitura mais profunda, de textos para o proselitismo religioso kardecista. E se lembrarmos que Jesus há dois mil anos em nenhum momento anunciou uma igreja, mas o Reino de Deus e a necessária transformação interior, não faz sentido acreditar que ele defendeu o Kardecismo como o único “consolador”. Mesmo após toda a mudança sócio-econômica, política, educativa e espiritual, sua mensagem continua a mesma: é a transformação interior que importa e não a embalagem externa. E como afirmou o Buda, as doutrinas são meios e não fins. E o Kardecismo ao invés de se ver como mais um possível caminho para a “salvação”, se coloca como a própria salvação, condenando todas as demais alternativas como “irracionais”, “supersticiosas”, “fascinadas”, “obsedadas” etc.

O discurso kardecista carece de cientificidade. É um discurso eminentemente voltado para doutrinação e para fazer prosélitos. Mas se queremos redirecionar o Espiritismo para o campo científico é necessário, antes de tudo, discuti-lo epistemologicamente. É a discussão que procuraremos apresentar no próximo capítulo.

Capítulo II

A ciência espírita e sua cientificidade

Do ponto de vista epistemológico, há uma dicotomia entre fato e valor, quer dizer, não há uma ponte de dedutibilidade entre ambos: de um fato não se segue um valor; tampouco de um valor se segue um fato. (...) Não obstante, na vida real, fato e valor não se dissociam.

Hilton Japiassu. O mito da neutralidade científica. P. 41.

Apesar de todas as evidências, não temos ainda como afirmar, categoricamente, a sobrevivência e a eternidade da alma, ou afirmar que o fenômeno mediúnico é, de fato, a comunicação entre o plano material e o espiritual, e não uma psicopatologia. Para nós, espíritas, a reencarnação não é uma teoria, é um fato. Aliás, nós não cremos em espíritos. Nos temos certeza que eles existem. Mas como (com)provar tudo isso cientificamente?

Não basta dizer que a ciência espírita é diferente da ciência materialista, pois ela seria fruto da revelação dos espíritos. Só esse argumento não basta para se fazer ciência. Por outro lado, os espíritas precisam seguir o caminho contrário ao dos marxistas. Se estes últimos queriam chegar à cátedra para transformá-la em púlpito de pregação doutrinária, o que, realmente, conseguiram fazer durante boa parte do século XX, o cientista espírita necessita buscar a neutralidade científica como valor, no sentido weberiano, para que consiga se ater a uma certa “objetividade” e se distinguir de suas derivações empíricas (psiconomias) que são também seus objetos de estudo. O Espiritismo deve sempre se dirigir à razão. Seus derivados empíricos (kardecismo, umbandismo e outros ismos) podem e devem se dirigir ao coração.

Como afirma Hilton Japiassu, um dos significativos estudiosos da ciência contemporânea, é mais fácil conceituar a ciência do que defini-la. Mas uma coisa parece consenso, hoje em dia: não existe uma definição objetiva e, muito menos, neutra do que é ciência. Os conhecimentos ditos objetivos e racionalizados estão sempre engendrados pela ambiência sócio-cultural e histórica. É por isso que a razão científica é mutável, histórica e variável. E mesmo as revelações espirituais não são imunes ao tempo e às injunções do contexto em que são transmitidas pela espiritualidade.

Vimos, no capítulo anterior, que o preconceito eurocêntrico de Kardec foi respeitado pela espiritualidade. Sua obra está tão impregnada pela mentalidade e pelo imaginário do homem europeu do século XIX, como todas as revelações anteriores, seja na época de Buda, de Sócrates, de Moisés, de Jesus ou qualquer outra. As revelações são sempre contextualizadas pela consciência histórica de cada época.

Em suma, em matéria de ciência ou de revelação espiritual, não há objetividade absoluta. A linguagem, os temas, os modelos de um conhecimento técnico ou valorativo são sempre o reflexo da imagem do mundo no qual se originaram. Em outras palavras, ela é uma interpretação sempre passível de mudanças, pois é sempre marcada pela cultura em que se insere. E Kardec soube disso, pois sempre afirmou que o Espiritismo só surgiu no momento em que a civilização ocidental estava pronta para compreendê-lo. Isso não quer dizer, porém, que o Espiritismo deve se manter preso à “racionalidade” do século XIX. É essa crença, arraigada no meio kardecista, que conduz facilmente à mistificação e não o contato mediúnico com espíritos que desejam discutir outros assuntos diferentes daqueles que integram os livros da codificação.

E se o Espiritismo não é obra de um único indivíduo, nem a revelação miraculosa feita pelos espíritos, ele necessita do trabalho constante de vários experimentos mediúnicos, de onde surgem inovações conceituais e teorias. Caberá ao cientista espírita fazer escolhas, correr riscos e adotar atitudes críticas. Mas isto deve ser feito com estudo sério e não com pré-conceitos.

O cientista espírita é aquele que consegue transitar por todas as “disciplinas” espíritas, ou seja, pela Umbanda, pelo Kardecismo, pelo Universalismo, pela Apometria etc, estudando, pacientemente, seus métodos e práticas mediúnicas, anotando os

conhecimentos que produzem para que, finalmente, possa apresentar, de forma reflexiva, os resultados de sua pesquisa. Em suma, estudando e comparando as diferentes psiconomias, poderá produzir um saber inteligível, porém, sempre falível. Isto é o Espiritismo.

Assim, cada uma das “disciplinas” espíritas pode cooperar para a elaboração de uma sabedoria espiritual (Psicosofia) que ajude o homem moderno a suprir sua alienação anímica, sem desrespeitar a autonomia de cada “disciplina”. O conhecimento e as certezas do Kardecismo bastam para o kardecista, assim como o conhecimento e as certezas da Umbanda bastam para o umbandista. Mas, para o *Homo spiritualis*, serão tais conhecimentos e certezas suficientes? É aqui que o Espiritismo deve promover o discurso do espírito sobre ele mesmo, e construir uma animagogia⁵ (educação espiritual) dialógica e processual para o homem encarnado. O valor supremo da alma não pode surgir de um único ponto de vista. Deve sempre estar aberto às novas possibilidades de conhecimentos “objetivos” e éticos.

Os pressupostos axiológicos da ciência espírita foram apresentados por Kardec e ainda permanecem válidos. E, se do ponto de vista epistemológico, o mais adequado, hoje em dia, é falar na existência de *práticas científicas*, não faz sentido as pessoas que orientam a “política científica” no Brasil não aceitar o Espiritismo, pois este possui critérios que o validam como uma prática científica sobre a realidade espiritual. E também é capaz de formular técnicas para a coleta de dados, para não ficar apenas no domínio da pura especulação, como também constituir um corpo teórico de contextualização e construir seus objetos científicos.

O valor científico dos produtos intelectuais do Espiritismo é evidente. E, se na ordem do saber contemporâneo, a atividade científica deve ser diversa do senso comum, da percepção imediata, das atividades ideológicas e isentas de “achismos”, o Espiritismo, como campo de pesquisa, é muito mais científico do que a Pedagogia e muitas das Ciências Humanas hoje existentes.

Talvez o maior erro do Espiritismo foi crescer misturado ao kardecismo, um de seus derivados empíricos. Da mesma forma que o cientista da educação não deve se confundir

⁵ Alternamos, freqüentemente, os prefixos anima e psique de propósito. Com o prefixo *anima* pretendemos realçar a dimensão da alma encarnada, enquanto, com o prefixo *psique*, ressaltamos o espírito, ou seja, o ser desencarnado.

com o professor ou legitimar, ideologicamente, um ou outro sistema pedagógico, o cientista espírita precisa colocar entre parênteses sua convicção e participação em uma das diferentes psiconomias existentes, caso contrário, corre o risco de perder sua processualidade científica e ficar o tempo todo fazendo pregação doutrinária, como fazem os marxistas.

Se, por definição, toda atividade científica encontra-se em estado de constante inacabamento, ou seja, a produção científica acabada é um absurdo epistemológico, a confusão kardecismo/Espiritismo dificulta o avanço da ciência espírita.

No âmbito científico, tudo é objeto de discussão. Nem todo conhecimento é perenemente válido. Todo critério absoluto de verdade é um absurdo do ponto de vista científico. É por isso que a atividade científica baseia-se no campo fértil do pluralismo conceitual. Um parâmetro universal de objetividade é mais adequado para proselitismo religioso e não para se fazer ciência. É por isso que quando alguns pesquisadores espíritas se questionam sobre a divisão clássica proposta por Kardec em pensar o ser humano como tendo um corpo físico, um “perispírito” e um espírito, os kardecistas entram em campo fechando a discussão, afirmando que qualquer outra proposta seria “não-doutrinária”. Para eles, se Kardec escreveu que são três, são três e ponto final. Não importa se através da clarividência ou de outras técnicas se descobriu outras dimensões. Tal dogmatismo não pode ser chamado de ciência espírita.

E por que o Espiritismo ainda não obteve cidadania acadêmica, se ele constrói o seu objeto científico seguindo, *pari passu*, o que defende a epistemologia contemporânea?

Vejamos o que diz Japiassu no livro “O mito da neutralidade científica”:

O objeto real existe independentemente de nosso conhecimento, quer pensemos nele quer não. Contudo, a ciência não se interessa pelo objeto real em seu estado bruto. O objeto real só se torna objeto científico quando for retirado de seu estado “natural”, vale dizer, quando for “construído”, elaborado, pensado por uma teoria, ou seja, enquadrado por um ponto de vista teórico. Em outras palavras, o simples “acontecer” só atinge o nível do conhecimento científico quando for reconstruído teoricamente. (p. 28)

Não é isso o que o Espiritismo faz em relação à reencarnação ou à mediunidade? Aqueles que não acreditam nos argumentos espíritas é que devem provar, ou melhor, negar a existência da reencarnação ou provar que a mediunidade é uma farsa.

Nesse sentido, quando um órgão de fomento à pesquisa ou uma Faculdade impede que uma pesquisa acadêmica sobre tais assuntos seja realizada, está agindo com má-fé e impedindo o avanço da ciência. Como justificar pesquisas sobre congelamento de corpos, sobre marxismo, sobre contos de fadas e proibir uma pesquisa sobre reencarnação?

O Espiritismo é universal como toda ciência e estuda as manifestações espirituais objetivas. Mas é importante diferenciá-lo do kardecismo para que possa adquirir sua real cientificidade. O kardecismo é objeto de estudo do Espiritismo e este não deve ser usado para legitimar aquele.

O kardecismo pode anunciar profecias, dizer que é o “único” caminho para favorecer a paz entre os homens, ser o consolador prometido pelo Cristo etc. O kardecismo pode emitir juízos de valor que não são enunciados científicos, o Espiritismo não.

Com tal diferenciação, as manifestações espíritas (ou causadas pelos Espíritos) podem se tornar, realmente, objetos científicos. Mas quando o objetivo é fazer prosélitos, então o campo de atuação passa a ser o religioso, seja pelas vias do kardecismo, da umbanda ou um outro qualquer, mas deixará de ser científico e, portanto, da esfera do Espiritismo.

Foi por isso que, antes de afirmar que existem Leis que regem o intercâmbio entre o mundo visível e o invisível, Kardec procurou reunir um número significativo de evidências sobre a existência de tal mundo invisível. E hoje em dia elas são ainda em maior quantidade. Porém, não foi o Espiritismo que as produziu. O Espiritismo as estuda.

Porém, hoje em dia, nenhum cientista acredita que a partir da experiência é possível deduzir teorias e leis, como fez Kardec e toda a ciência newtoniana-positivista do século XIX. As reflexões epistemológicas contemporâneas, sobretudo, a partir da teoria da relatividade de Einstein, afirmam que a ciência é uma “construção”. Ou seja, sem a ajuda de um quadro teórico formado por princípios e conceitos escolhidos subjetivamente, não é

possível fazer a observação. Em suma, a teoria define, anteriormente, o que pode ser observado.

O que ocorreu também na obra de Kardec, mesmo que este não tenha percebido. Kardec anunciou que um “fato novo” necessitava de “conceitos novos”, mas foram os seus novos conceitos que lhe permitiram enxergar de outro ângulo um fenômeno arcaico e rotineiro em todo o mundo. Foi a sua teoria que o ajudou a concluir que o intercâmbio com o mundo espiritual não possui nada de sobrenatural ou maravilhoso, sendo um processo natural e regido por Leis também naturais.

Tal constatação, ao contrário, não desmerece a obra de Kardec, mas a humaniza. O que é importante para podermos transcender o positivismo impregnado no Espiritismo de Kardec, tornando-o ainda mais científico, ou seja, compreendendo que a ciência é processual e necessita da criação de categorias e conceitos explicativos, e que estes não são estanques, mas históricos, pois um significado pode se esgotar ou se esvaziar com o tempo.

Esta consciência histórica ajuda a desconstruir o racionalismo ingênuo, do tipo positivista. É fácil constatar que Kardec foi um Espírito criativo e anticonformista. Porém, se o seu Espiritismo é eminentemente lógico, ele carece de psicologia, sociologia e antropologia cultural para ser, realmente, “científico”, abrindo-se, sem medo, à *provisoriedade* teórica, tão em evidência na ciência contemporânea.

A observação direta, fato considerado científico no século XIX, não é tão direta assim. Como nos lembra o epistemólogo Japiassu, a expressão “*este copo d’água*” só na aparência é uma observação direta e particularizada. Em sua essência encontramos implicados dois conceitos: copo (matéria extensa) e água (elemento líquido). Em suma, toda observação decorre de um conhecimento teórico anterior, que é o “próprio contexto possibilitador da observação”.

E qual foi o contexto onde Kardec fez suas observações? Quais foram os conceitos que ele tomou emprestado para observar os fatos espíritas? Será que a divisão trina (espírito, perispírito e corpo físico) proposta por Kardec dá conta da interpretação de novos fatos espíritas surgidos no século XX? Todos esses pontos são temas para o cientista espírita discutir, mas, por enquanto, podemos nos ater às “leis” descobertas por Kardec e que continuam atuais. A primeira é que:

Os Espíritos não podendo responder senão sobre o que sabem, segundo seu adiantamento, e, além disso, sobre o que lhes é permitido dizer, porque há coisas que não devem revelar, visto que não é dado, ainda, ao homem tudo conhecer. (...) Sobre muitas coisas, ele não pode dar senão sua opinião pessoal, que pode ser justa ou falsa. (...) Haveria, pois, imprudência e leviandade em aceitar sem controle tudo o que vem dos Espíritos (O.E., p. 122).

Tal constatação demonstra toda dificuldade que se impõe na comunicação mediúmica. Não é possível confiar, cegamente, no que os Espíritos falam. Muitos kardecistas acreditam piamente que só os Espíritos “superiores” se comunicaram com Kardec e que, hoje em dia, qualquer novidade é transmitida por Espíritos “mistificadores”.

Curiosamente, o próprio Kardec não é tão ingênuo e afirma que não é possível comprovar a identidade dos Espíritos da “codificação”. Não há como provar se foram realmente Sócrates, Fenélon, Napoleão etc. os Espíritos que usaram tais nomes famosos em suas comunicações. Kardec não se cansou de dizer que os Espíritos “inferiores” gostam de tomar emprestado nomes conhecidos e reverenciados. Assim, mais importante é o conteúdo da mensagem e não o nome que o Espírito utiliza para se comunicar (L.E., p. 30).

Outra “lei” importante, anunciada por Kardec, foi a seguinte:

As comunicações com os Espíritos devem sempre ser feitas com calma e recolhimento; não se deve jamais perder de vista que os Espíritos são as almas dos homens e que seria inconveniente deles fazer um jogo e um objeto de divertimento. (...) Um outro ponto igualmente essencial a considerar é que os Espíritos são livres; eles se comunicam quando querem, com quem lhes convém e também quando podem, porque tem suas ocupações. Eles não estão às ordens e ao capricho de quem quer que seja, e não é dado a ninguém faze-los vir contra a sua vontade. (...) do que

procede, resulta que toda a reunião espírita, para ser proveitosa, deve, como primeira condição, ser séria e reservada, que tudo deve aí se passar respeitosamente, religiosamente, e com dignidade, se se quer obter o concurso habitual dos bons Espíritos. (...) Os bons Espíritos vêm nos instruir para nossa melhoria e nosso progresso, e não para nos revelar o que não devemos ainda saber, ou aquilo que não devemos aprender senão pelo nosso trabalho. Se bastasse interrogar os Espíritos para obter a solução de todas as dificuldades científicas, ou para fazer descobertas ou invenções lucrativas, todo ignorante poderia tornar-se sábio gratuitamente, e todo preguiçoso poderia se enriquecer sem trabalhar. (...) fora do que pode ajudar ao progresso moral, não há senão incerteza nas revelações que se podem obter dos espíritos.” (O.E., p. 124)

Se os Espíritos revelam novas informações apenas no tempo certo, quando o ser humano, em tese, encontra-se preparado para compreender tais revelações, significa que, com o passar do tempo, novas revelações poderão ser feitas. Por que acreditar que o mundo parou no século XIX? Quem conhece um pouco da história do kardecismo no Brasil sabe da polêmica gerada pela obra *Nosso Lar*, do Espírito André Luiz, psicografado por Chico Xavier. Durante muito tempo gerou celeuma por apresentar a “erraticidade” dos Espíritos de uma forma nada errante, através de colônias planejadas e gerenciadas, onde se estuda, trabalha, há alimentação, transporte, hospitais etc. Até hoje se encontra na *internet* artigos kardecistas afirmando que tudo não passou de “animismo” de Chico Xavier, pois nada disso se encontra nas “obras básicas da codificação”. A impressão que se tem é que alguns kardecistas se agarram à obra de Kardec como algumas seitas se agarram ao Antigo Testamento, difundindo uma mentalidade neofóbica, assustadora e intolerante.

Porém, em suma, se não podemos acreditar cegamente em tudo o que os Espíritos dizem, também não devemos ser tão paranóicos e negar tudo, aceitando apenas o que se encontra nos livros de Kardec, como se eles fossem o registro da Verdade absoluta. Aliás, até os livros de Kardec já sofrem censura, como tivemos oportunidade de salientar.

É por isso que não podemos perder de vista, como afirmou Kardec:

O Espiritismo está fundado sobre a existência dos Espíritos, mas os Espíritos, não sendo outros que as almas dos homens, desde que há homens, há Espíritos; o Espiritismo não o descobriu, nem os inventou. Se as almas ou Espíritos podem se manifestar aos vivos, é por que isso está na natureza, e desde então deveram fazê-lo de todos os tempos. (O.E., p. 187)

Em suma, toda manifestação de Espíritos, seja qual for o meio escolhido, é espírita, independente de concordarmos com o seu conteúdo ou não. O máximo que podemos fazer é interpretar tal conteúdo. E, no campo da moral, o que o Espiritismo “impõe” pela constatação, é o seguinte:

A necessidade da prática do bem e de não fazer o mal. É uma ciência de observação que, repito-o, tem conseqüências morais, e essas conseqüências são a confirmação e a prova dos grandes princípios da religião; quanto às questões secundárias, ele as deixa à consciência de cada um”. (O.E., p. 94)

Ou seja, a pessoa que descobre que a vida não se extingue com a morte física passa a ser mais cuidadosa em seu cotidiano, passa a se relacionar com outras pessoas de uma forma mais solidária e compreensiva. O Espiritismo realiza, através do estudo, o que muitas vezes a Experiência de Quase Morte (EQM) realiza através da dor. Quantas pessoas que retornam de tais experiências vivenciam uma verdadeira metanóia, transformando-se completamente e dando muito mais valor à vida e aos relacionamentos solidários. Não podemos nos esquecer também da prática chinesa que relatamos em nosso livro “Dharma-Reiki” chamada *Hsuan Hsueh* em que o discípulo é preparado para uma viagem astral consciente. Após o seu retorno ao mundo físico, transforma, normalmente, sua forma de

encarar a vida e passa a tomar mais cuidado com os seus atos para não prejudicar as pessoas.

Não é à toa que a máxima moral de Kardec é “*fora da caridade não há salvação*” (O.E., p. 106). Em nenhum momento ele fala que fora do Espiritismo não há salvação. E nem fala como deve ser a prática do bem. Assim, porque seria “não-doutrinário” praticar o bem através do Reiki, da Cromoterapia, da Apometria ou de qualquer outra técnica espiritual, anímica ou mediúnica? Se elas são práticas que envolvem a espiritualidade, sobretudo o Reiki e a Apometria, elas são, necessariamente, espíritas. Se elas só acontecem devido à presença da equipe socorrista formada por médicos desencarnados, são formas de caridade eminentemente espíritas. Talvez não sejam kardecistas, mas aí é um outro assunto.

Devemos nos lembrar que o Espiritismo, como afirmou Kardec:

Não descobriu nem inventou os Espíritos, nem descobriu o mundo espiritual, no qual se acreditou em todos os tempos; somente ele o prova por fatos materiais e o mostra sob sua verdadeira luz, livrando-o dos preconceitos e das idéias supersticiosas que engendram a dúvida e a incredulidade. (O.E., p. 149)

Assim, quem somos nós para julgar quais são as formas, técnicas ou a aparência perispiritual que os Espíritos podem utilizar para praticar a caridade. Por exemplo, muitas casas “espíritas” não permitem a manifestação de entidades indígenas nuas ou vestidas, de orientais com turbantes na cabeça etc. Este fato, puro preconceito kardecista, não é um axioma da ciência espírita. Ao contrário, o verdadeiro cientista espírita irá estudar tais manifestações singulares, pois sabe que o mundo espiritual não é formado apenas por filósofos, padres e médicos.

E, ao que se refere a alguns fatos espirituais polêmicos, ou que tendem ao fantasioso, mas que não podem ainda ser explicados pelo Espiritismo, Kardec mais uma vez mostra seu bom-senso e coerência:

Não nos apressemos, entretanto, em rejeitar a priori tudo o que não compreendemos, porque estamos longe de conhecer todas essas leis, e que a Natureza não nos disse ainda todos os seus segredos. O mundo invisível é um campo de observação ainda novo, do qual seria presunção pretender haver sondado todas as profundezas, então que novas maravilhas se revelam sem cessar aos nossos olhos. (O.P., p. 76)

Com base nessa afirmativa, será que Kardec agiria como os kardecistas em relação às entidades indígenas, à Transcomunicação Instrumental ou à Apometria, taxando tudo *a priori* de impureza doutrinária? Ou não mediria esforços para estudar tais fatos espíritas?

O cientista espírita sabe que “a questão da identidade (do Espírito comunicante) é, por todos os títulos, secundária, e haveria puerilidade a isso ligar importância”, como afirmou Kardec. Porém, no mediunismo kardecista, nem sempre tal recomendação é levada a sério. Quantos não são os dirigentes que impedem que uma entidade que se manifesta como índio ou como um ex-escravo possa dar sua mensagem? Há locais que apenas aceitam receber mensagens de espíritos que se identificam como médicos, literatos, filósofos, padres etc. Tal prática não encontra justificativa na obra de Kardec. Além disso, como o Espiritismo é ciência, deve ser objeto de estudo a comunicação de tais entidades. E como afirmou Kardec, os espíritos falam sobre todos os assuntos que interessam à humanidade. E este é um outro ponto importante que diferencia o Espiritismo do kardecismo. Neste último, na maioria dos casos, os Espíritos só podem confirmar o que todos já sabem para não ferir a “pureza doutrinária”.

E a bacia semântica do Espiritismo? Ela deve ser confinada ao século XIX para ser doutrinária? É claro que não. Kardec não afirma que para os espíritos superiores a idéia é tudo, e a forma não é nada? E que dentro de uma mesma ciência pode haver vários sistemas? (O.P., p. 33 e 34). A língua se atualiza, assim como os conceitos e os sistemas.

Em suma, enquanto o kardecista vê tudo o que não conhece como “não-doutrinário”, o cientista espírita vê em todas as manifestações mediúnicas novas luzes e as estuda sem pré-conceitos. Possivelmente, Kardec ao afirmar que “há pessoas que encontram perigo por toda a parte e em tudo que não conhecem”, estava profetizando o

que aconteceria no seio do kardecismo, a religião derivada de sua profunda obra científica e filosófica.

Em resumo, o objetivo da ciência espírita é estudar a realidade espiritual e a mediunidade naquilo que elas são e não naquilo que gostaríamos que elas fossem, deturpando os fatos em favor de certos interesses “doutrinários”.

Capítulo III

O reiki sem mistificação

Ninguém pode destruir esta verdade: Deus está dentro de você. Saiba descobri-Lo e terá conquistado a felicidade.

Pastorino

Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá; pois todo aquele que pede, recebe, e quem procura acha e se abrirá àquele que bater à porta.

São Matheus (7:7 a 11)

Mas pedi sinceramente, com fé, fervor e confiança; apresentai-vos com humildade e não com arrogância, sem o que sereis abandonados às vossas próprias forças, e as quedas que sofrereis serão a punição de vosso orgulho. É este o sentido destas palavras do Cristo: buscai e acharei, batei e se vos abrirá.

Evangelho segundo o
espiritismo

Por isso vos digo: das riquezas de origem iníqua fazei amigos, para que, quando estas vos faltarem, os amigos vos recebam nos tabernáculos eternos.

Jesus

Este capítulo foi organizado a partir das respostas obtidas com a espiritualidade que atua na ONG Círculo de São Francisco, entre os anos de 2002 e 2005. Até onde sabemos, atuam na casa as seguintes correntes espirituais: as indígenas, os pretos-velhos, as crianças, as entidades médicas (muitas são mentores da chamada Associação Médico-Espírita), e três linhas de espíritos orientais (uma do extremo oriente, uma da Índia e outra representando, simbolicamente, os antigos povos Persas⁶). Atualmente, o trabalho terapêutico da ONG tem se pautado na oferta de quatro serviços complementares: o ensinamento e aplicação de Reiki, as aulas de Yoga, a difusão do Kefir, um cogumelo de origem tibetana importante para regularizar o funcionamento dos intestinos, e cursos para o cultivo de plantas medicinais.

Fomos orientados para procurar organizar as informações abaixo na forma de perguntas e respostas, o que facilita a compreensão do leitor. É o método adotado nos livros de Ramatís e de muitos outros autores espirituais, além do próprio Livro dos Espíritos, escrito por Kardec.

A ordem estabelecida para a apresentação das questões não representa, necessariamente, a ordem em que as perguntas foram feitas à espiritualidade.

Devemos lembrar que tais respostas, obtidas na ONG, foram também confirmadas pela espiritualidade que atua em outras casas, aumentando, assim, nossa confiança de que é através da gratuidade e da preocupação com o aprimoramento espiritual que o Reiki deve ser difundido, sem mistérios, mistificações e charlatanismos.

Pergunta 01 – É necessário ser sintonizado no Reiki para se enviar boas energias e auxiliar na recuperação de enfermos?

Resposta - Para se enviar energia são necessárias três coisas: o pensamento elevado, a vontade de ajudar o próximo e o amor desinteressado. Todo o resto é instrumento ou “muletas” criadas pelos homens, em todos os tempos, para auxiliar neste processo. Poucos

⁶ Segundo alguns videntes, estes espíritos são negros, altos e usam um pequeno chapéu de forma ovalar e um manto colorido que desce dos ombros até os pés. Segundo uma entidade indígena, são espíritos que não encarnam mais na terra e trazem os remédios e os instrumentos que necessitam diretamente do mundo espiritual, sem precisar manipular as formas etéricas dos elementos da terra, como fazem nossos irmãos indígenas.

estão preparados para acreditar no poder mental que possuem. Poucos sabem que a mente é uma poderosa usina. Poucos sabem que é possível direcionar nossa energia para diferentes fins, inclusive ajudar na cura de um irmão enfermo, desde que este tenha o merecimento para ser curado através da imposição das mãos, pois nenhuma técnica, incluindo o Reiki, é capaz de transcender a Lei do carma e o livre-arbítrio.

Todos, cristãos ou não, sabem que a plantação é livre, mas a colheita será sempre obrigatória. O que não significa que Deus seja punitivo, apenas que existe uma verdadeira justiça cósmica regendo o universo.

A energia utilizada no Reiki é a mesma que o ser humano, nas mais diferentes e distantes culturas e civilizações, aprendeu a manipular, dando nomes diferentes e utilizando formas distintas para tanto. Assim, o que menos importa é o nome da técnica. Porém, todas sempre funcionarão quando apresentar as três condições básicas: pensamento, vontade e amor.

Pergunta 02 – A cada dia aparecem novas pessoas dizendo que canalizaram símbolos. Muitos são patenteados, inclusive. Mas pelo exposto, eles não seriam, então, necessários?

Resposta – Esse processo que você descreve é fruto do orgulho e do egoísmo humano. Deus não pára de criar um só segundo e nunca repete uma só criação. E, apesar disso, ele nunca assinou nenhuma de suas criações. Só o homem orgulhoso e egoísta pensaria em patentear um símbolo que “canalizou”. Esse símbolo pode, de fato, ter existido no passado e a pessoa, em um estado ampliado de consciência, obtido através da meditação, pode acessar este símbolo criado em algum tempo remoto. A própria pessoa pode ter utilizado tal símbolo em alguma encarnação, em algum ritual da comunidade em que viveu. Você mesmo não via o crucifixo de São Damião⁷, mesmo sem o conhecer na atual encarnação?

Como já dissemos, no passado, o homem criava instrumentos que o auxiliavam a manter seu pensamento concentrado e canalizar sua vontade. Mas hoje, com a evolução

⁷ O espírito comunicante se refere ao crucifixo bizantino que ornava a capela de Assis, onde São Francisco teve suas primeiras revelações espirituais. Durante muito tempo vi tal crucifixo em minha mente, sem saber o que o mesmo significava. Quando soube que eu já havia sido um franciscano, por volta do século XVI, e ao descobrir que a imagem mental que eu via representava um ícone franciscano, nunca mais a vi.

mental e moral já alcançada, pode prescindir de tais elementos gráficos, principalmente, quando utilizados para charlatanismo e mistificação.

Pergunta 03 – E os canalizadores que afirmam que foram seres de outros planetas, que foram extraterrestres que lhes transmitiram os símbolos e que os mesmos lhes falaram para não divulgá-los para qualquer pessoa, pois seria muito perigoso, transformando, assim, o símbolo em uma mercadoria cara e disputada, avidamente, pelos adeptos das seitas Nova Era?

Resposta – Para aquele que paga, há sempre aquele que vende. O charlatanismo só existe porque ainda há pessoas que gostam de ser enganadas. Se o canalizador tem essa vontade de “canalizar” um símbolo que o possa tornar famoso, que dê para ele criar um novo sistema de Reiki e, além disso, ganhar dinheiro comercializando o símbolo, tudo isso fará com que ele atraia para o seu lado consciências desencarnadas zombeteiras ou mistificadoras. Não é ao acaso que vão aparecer seres de “altíssima” evolução espiritual, afirmando serem de outros planetas, com formas bizarras como lagartos e outros bichos, e vão transmitir ao “canalizador” símbolos com nomes apropriados para filmes de ficção científica e vão dizer, obviamente, para ele guardar o símbolo com muito cuidado.

Vão dizer, para estimular a vaidade do médium, que são símbolos valiosos e que servem para curar câncer ou outras doenças que, se não podemos afirmar que são incuráveis, podemos garantir que, dependem, sobretudo, do merecimento do paciente. Sem a reforma íntima, tais enfermidades, que são as colheitas dos erros do passado, não são curadas.

As toxinas astrais que as originam só podem ser drenadas a partir do Amor ou da Dor, quando são, então, drenadas para o corpo físico na forma de graves enfermidades. Por isso não importa se o símbolo foi transmitido por “Buda”, “dr. Lagarto”, “Saint-Germain”, “Jesus” ou outro espírito que diz ter vindo de Sírius ou de Júpiter... A toxina será drenada pelo suor do trabalho amoroso ou pela dor da expiação.

E por que dizem que são símbolos valiosos? Porque servem para a mistificação, para estimular o orgulho e o egoísmo do médium invigilante que o canalizou. Jesus e São

Francisco usaram algum símbolo para curar? Não. Eles usavam apenas o grande poder mental que possuíam e contavam com o amparo da espiritualidade superior.

Pergunta 04 - Mas por que ao mentalizarmos um dos símbolos do Reiki, automaticamente, sentimos a energia fluindo e se dirigindo para o paciente? Esse fenômeno sensorial não seria um indício de que os símbolos funcionam?

Resposta – Em nenhum momento falamos que os símbolos não funcionam. O que estamos comentando é que não há necessidade de “sintonização” como vocês fazem nos cursos de Reiki, com tantos apetrechos esotéricos e rituais. No fundo, será sempre a vontade, o pensamento e o amor que estão agindo na movimentação da energia. A vontade, o pensamento e o amor antecedem o desenho do símbolo.

Vamos esclarecer como funciona a comunicação entre o espírito (mente) e o cérebro. Em primeiro lugar, vocês devem saber que o ser humano não pensa através de palavras. E, para se transmitir uma idéia, o ser humano necessita converter o seu pensamento em um sistema de códigos. Este sistema pode ser na forma de sinais ou imagens simbólicas, como no caso do Reiki e de tantas outras práticas orientais, ou na forma de palavras, que também são símbolos⁸.

Em qualquer um dos casos, para funcionar, é necessária a decodificação, ou seja, a interpretação da mensagem. É por isso que a pessoa que não conheça o símbolo e não saiba para que o mesmo funciona, não vai sentir nada, não vai enviar energia. Ele não tem ainda a chave para decodificar a mensagem. Seu cérebro e seu subconsciente não sabem decodificar o símbolo. Ao contrário, o “iniciado” vai movimentar sua energia vital, sua bioenergia, porque associou ao símbolo, à imagem gráfica, uma função. Ou seja, ele sabe que ao desenhar um determinado símbolo ele deve dar um comando inconsciente para o seu duplo-etéreo liberar a energia. Ele está substituindo a palavra por um outro símbolo, por uma imagem.

⁸ No texto “técnica de comunicação espírita”, de Herminio C. Miranda, este pesquisador nos informa que: “Se o pensamento deve ser expresso em palavras há que fazer a escolha da língua; se for em imagens, é preciso decidir quanto à forma, à cor, ao tamanho e ao processo de divulgação”. E é dessa mesma forma que os símbolos do Reiki funcionam.

Pode acontecer também da pessoa já ter entrado em contato com aquele símbolo em outra encarnação. Daí, apesar de não se lembrar, ele está gravado em seu perispírito. Assim, mesmo sem ter passado por um ritual iniciático, a energia será liberada quando desenhar o símbolo, pois sua mente inconsciente ou seu subconsciente aprendeu, no passado, como decodificar a mensagem.

Agora, mesmo o iniciado no Reiki, que passou pelo “ritual iniciático”, que aprendeu os infinitos sistemas de Reiki, mas que desenha os símbolos sem se concentrar e sem vontade, não irá manipular nenhuma energia. Nada irá acontecer.

A criação de símbolos é uma forma de codificação. E como o ser humano ainda não é capaz de viver sem símbolos para se comunicar, eles são muito úteis. E qualquer um pode criar um símbolo e, se for do tipo malandro, correrá para patentear e inventar uma história bem mistificadora para ganhar um bom dinheiro com o seu símbolo “sagrado”.

Como já salientamos, no Oriente, esta sabedoria de como a comunicação funciona é milenar. E o homem ocidental descobriu isso, recentemente. Não se diz que uma imagem vale mais do que mil palavras? A decodificação de uma mensagem através de imagens costuma ser muito mais fácil e universal do que através de palavras.

Pergunta 05 – Então é possível criar novos símbolos e atribuir a eles novas funções?

Resposta – Obviamente. Desenhe uma imagem e atribua, mentalmente, que ao desenhá-la você emitirá energia para os pés de uma pessoa. Sempre que você se concentrar e mentalizar aquela imagem, seu inconsciente fará o trabalho restante. Ou seja, sua vontade⁹ de enviar energia para os pés será a alavanca necessária para o seu duplo-etéreo liberar a energia. Porém, não é muito mais fácil você pensar em enviar energia para os pés, para o

⁹ Em janeiro de 2005, recebi um e-mail que dizia assim: “eu utilizei o símbolo Cho-ku-rei invertido com a intenção de extrair uma pedra do rim de uma paciente. No dia seguinte, a pedra foi expelida. Acho que descobri mais uma função do símbolo...” Eu li a mensagem do rapaz com carinho e lhe respondi o seguinte: “observe que você relatou que usou o símbolo com a **intenção de** extrair a pedra do rim de sua paciente. É aí que reside a resposta e não no símbolo invertido. Foi a sua intenção de ajudar que canalizou sua bioenergia para esse objetivo. Foi sua vontade e comando mental e não o desenho do símbolo invertido. Você poderia ter feito o sinal da Cruz ou qualquer outro sinal. Além disso, se houve esta cura, foi porque sua paciente teve Fé e Merecimento para que a pedra fosse expelida sem grandes sacrifícios. Portanto, não foi o símbolo que a curou, mas sua vontade de ajudar somada com a Fé e o Merecimento da paciente”.

peito ou para qualquer outra parte do corpo da pessoa do que ficar pensando em criar um sinal gráfico? O homem pré-histórico precisava desenhar um animal na parede e, com sua lança, “ferir” o animal desenhado para facilitar a caça. Agindo dessa forma, acreditava que seria muito mais fácil caçar e, realmente, era. Ele estava canalizando energia para alcançar aquele objetivo. É por isso que o mais importante é o ensinamento moral que cada símbolo do Reiki possui e não sua forma, seu desenho.

Pergunta 06 – Mas, da mesma forma que algumas pessoas só conseguem orar se estiverem diante de uma imagem de santo, não há aquelas que só acreditarão que enviam energia se desenharem um símbolo? Ou que só através de uma “sintonização” bem cara e ritualizada que obterão tal poder de auxiliar o próximo?

Resposta – Existem sim. Foi por isso que dissemos que, enquanto existir quem paga, existirá que venda. Os charlatões estão por toda parte para ludibriar aquele que não tem conhecimento. Por isso, a cada dia, surgem símbolos milagrosos e cada vez mais caros. Se no passado o ser humano comprava indulgências para se livrar do purgatório, hoje se compra símbolos de Reiki para tudo, de um resfriado até a cura do câncer. É mais fácil o ser humano acreditar em milagres desse tipo do que na existência do espírito, da vida após a morte e da reencarnação. É mais fácil pagar por um símbolo do que procurar se transformar interiormente, mudando o pensamento, os sentimentos e as atitudes doentias. Não há problema nenhum em se ter símbolos¹⁰, o problema está na mistificação que se criou em torno deles.

Pergunta 07 – Pelo exposto acima, podemos inferir que não há diferença entre o Reiki e o passe espírita?

Resposta – O nome Reiki se popularizou na segunda metade do século vinte. Hoje ele é uma realidade mundial. Não dá para desprezá-lo ou ignorá-lo. É uma variação metódica do

¹⁰ O espírito que passou tal informação, e tantos outros que atuam na ONG Círculo de São Francisco, andam com o Tao (a cruz que também é um ícone franciscano) pendurado no pescoço. Não deixa de ser um símbolo que identifica tal agrupamento de espíritos que atuam na seara do Cristo. Além disso, muitos espíritos das correntes orientais utilizam sinais na testa ou pedras que simbolizam o tipo de trabalho realizado no astral ou o agrupamento ao qual pertencem.

que poderíamos chamar de Fluidoterapia. E como vocês necessitam de nomes, poderiam chamar todas as técnicas conhecidas, como o Passe espírita, o *Johrey*, da Igreja Messiânica, a Cura Prânica dos filipinos etc. como Fluidoterapia.

A Fluidoterapia nasceu, na Terra, com os primeiros capelianos exilados. Gradativamente, eles foram redescobrendo a forma de manipular a energia cósmica para a cura. E, em cada local, como já dissemos, inventaram rituais e exterioridades para fazer a manipulação energética que, no fundo, funcionará sempre através dos três condicionamentos já apresentados: pensamento, vontade e amor.

Se não há diferença no tipo de energia, há diferença no procedimento. Muitas casas kardecistas fazem o “passe de cura”, que seria um passe mais demorado, em uma sala diferenciada, com o paciente deitado em uma maca. O “passe de cura” funciona como o Reiki, porém, sem símbolos, músicas ou aromas.

Pergunta 08 - Então os símbolos do Reiki não são necessários para se enviar energia? Os mestres ensinam que sem o símbolo hon-sha-ze-sho-nen não é possível enviar energia a distancia...

Resposta - Para se enviar energia não é necessário símbolos, nem para a pessoa presente à sessão ou a distância. É a nossa mente que faz a ligação com o enfermo, esteja ele onde estiver. O símbolo é importante porque traduz ensinamentos morais que ainda são válidos, aliás, muitíssimo válidos para o mundo de hoje.

Vocês precisam se lembrar que, no passado remoto, no Oriente, para se transmitir ensinamentos, os verdadeiros mestres usavam símbolos, muitos desenhados em folhas de palma. O símbolo era um elemento *mnemotécnico*. É por isso que os livros sagrados do Oriente falam na existência de centenas de símbolos. Assim, um discípulo que era preparado para trabalhar com cura, tinha o seu símbolo próprio. Aquele que manifestava a mediunidade psicofônica tinha também o seu símbolo. Aquele que seria uma espécie de hipnotizador, preparado para fazer regressão ou projeção astral, tinha outro, aquele que estava desenvolvendo a psicometria também... E assim por diante.

Em algumas escolas iniciáticas, conforme o grau de aperfeiçoamento moral¹¹ do discípulo, ele recebia um novo símbolo para identificar o estágio em que se encontrava. Na verdade, esse método “serial” continua até hoje. Ninguém chega até a Universidade se não passar pelos ciclos anteriores de instrução. E o que são os diplomas? Apenas o símbolo que identifica o grau de “conhecimento” de cada pessoa. O diploma ou certificado cria uma hierarquia. Esse era o papel de muitos símbolos.

Pergunta 09 – Então, como pensar a informação transmitida por diversos mestres de Reiki de que no Universo há um estoque de energia que somente os iniciados no Reiki podem acessá-lo através dos símbolos?

Resposta - Pura mistificação. Seja essa idéia criada pela mente do “mestre” encarnado ou de algum espírito mistificador.

Pergunta 10 – Nesse sentido, se o símbolo não tem essa força toda apregoada nos cursos de Reiki, a informação de que qualquer pessoa pode canalizar a energia cósmica, desde que pague pela sintonização é uma grande mentira?

Resposta - Todos nós temos energia para doar, uns mais outros menos. Aqueles que têm mais bioenergia são os chamados “médiums de cura”. São estes que se comprometeram, antes de encarnar, em doar essa energia, em auxiliar a espiritualidade no socorro. Não foi ao acaso que possuem um sistema nervoso diferente, propício para liberar ectoplasma.

Assim, não importa se, na Terra, ele se enveredou pelo caminho do Reiki, do passe, do *Johrey* ou outro nome qualquer. O médium de cura não precisa ser iniciado no Reiki porque ele já tem energia suficiente para doar e se não o fizer, sofrerá as conseqüências em seu próprio organismo. O que ele precisa é aprender a doar essa energia de forma racional. Saber os locais adequados, e como proceder, antes, durante e depois da sessão. Não é desenhando símbolos em paredes, na palma da mão que ele estará agindo corretamente.

¹¹ Veja o nosso outro livro “Os símbolos do Reiki e seus ensinamentos morais”, também disponível para consulta *online* no site da ONG Círculo de São Francisco.

A pessoa que não tem energia para doar, poderá fazer várias sintonizações, com diferentes “mestres”, e nunca sentirá nada. E vai sair dizendo que tudo não passou de charlatanismo ou que determinado “mestre” não o sintonizou direito.

No fundo ele não era um trabalhador para a espiritualidade. Ele não tem energia ou o comprometimento para doar sua energia em trabalhos socorristas.

Pergunta 11 – E como saber se a pessoa é ou não médium de cura?

Resposta – O universo sempre conspirará ao seu favor, ou seja, ele será lembrado de seu comprometimento de alguma forma. Aqueles que vão, naturalmente, pelo Amor pouparão tempo. Assim, inconscientemente, todos sabem qual é o seu grau de comprometimento. E todos, também, serão levados para uma das diferentes técnicas, justamente, para aquela que melhor se adapte, tenha ela símbolos ou não. Mas o importante é que ele se conscientize que deve ser sempre um doador desinteressado, para que melhor possa saldar suas dívidas pretéritas.

Pergunta 12 – Se a pessoa se comprometeu a doar energia e cobra por ela, o que acontece quando desencarna?

Resposta – É muito comum os “médiums de cura” falharem. O egoísmo, o orgulho, a vaidade costumam comprometer uma encarnação. E aquele que cobra ao invés de doar sua energia, ao desencarnar irá tomar consciência que já recebeu na Terra o que estava previsto para ele no plano espiritual. Ou seja, tomará consciência de que sua dívida pretérita continua do mesmo tamanho, se não aumentou ainda mais.

Outros podem, devido à dor moral, que é muito mais sofrível que a dor física, entrar em um estado de sofrimento similar aos descritos por autores que escrevem sobre os *Vales dos Suicidas*. No fundo, cometeram também um suicídio, pois desperdiçaram mais uma encarnação retificadora.

Pergunta 13 – Temos a impressão que o movimento comercial em torno do Reiki é mais forte nos EUA. Na Europa há um movimento chamado de *Free Reiki* que defende a difusão gratuita do Reiki...

Resposta - Não é á toa que os umbrais mais horríveis também são nos EUA. Não é à toa, também, que os textos psicografados ou canalizados, como se diz por lá, mais absurdos também são produzidos nos EUA. Vocês não se divertiram, recentemente, lendo um texto canalizado de um espírito-lagarto¹²?

Pergunta 14 – Hoje em dia, a maioria das casas que trabalham com o Reiki cobram. Pouquíssimas realizam o trabalho como o da ONG. O que acontece com as casas que cobram para aplicar reiki? O paciente não é auxiliado?

Resposta – Em primeiro lugar quem disse que são poucas casas que fazem Reiki de graça? Não se sintam orgulhosos. Há muitos locais fazendo um trabalho caritativo com o Reiki, e sem alarde.

Em relação à pergunta, tudo dependerá do grau de compreensão da pessoa e do seu merecimento, tanto do reikiano como do paciente. Por exemplo, aquele que fez o curso de Reiki e aprendeu que deve cobrar, está seguindo uma orientação que lhe foi transmitida. O seu mestre é muito mais culpado do que ele. O mestre é o responsável pelo que o seu discípulo faz. Se este erra, a culpa é maior do primeiro.

E, da mesma forma que um fiel que procura uma igreja, cujo pastor só esta preocupado em arrecadar dinheiro, será auxiliado pela espiritualidade socorrista, no Reiki acontecerá o mesmo. Se o paciente pagou ou não, não importará. Se ele tiver merecimento, terá o auxílio necessário. O problema esta para o reikiano, pois não saldou parte de sua divida anterior. Não poderá cobrar depois, pois já recebeu o que lhe era de direito.

¹² O espírito comunicante se referiu a um texto canalizado por uma norte-americana em que o espírito passava a informação de que ele era um ser superior, vindo de um outro planeta e que sua forma era de um lagarto. Em determinado momento, o “iluminado” lagarto pergunta ao leitor: eu sei que vocês estão interessados em saber qual a relação que existe entre o tamanho da calda e o tamanho do pênis. A probabilidade do tal lagarto ser um zombeteiro aproveitando-se dos mecanismos da mediunidade é grande.

Pergunta 15 - E no caso do reikiano também ser viciado em carne vermelha, fumar, gostar de tomar suas bebidas alcoólicas nos dias de atendimento. Como se divulga nos cursos de Reiki que a energia do terapeuta não interfere no processo, tais práticas não vão prejudicar ainda mais o enfermo?

Resposta - A resposta é a mesma. Se o paciente tiver merecimento, a espiritualidade irá isolar a energia do terapeuta e irá buscar em outra fonte a energia necessária para realizar o socorro ao paciente. Porém, se este não merecer, a espiritualidade deixará ele receber aquela carga de energia deletéria que poderá deixá-lo muito pior do que quando lá entrou¹³.

Pergunta 16 – Este envolvimento da espiritualidade nos tratamentos com o Reiki, é um assunto polêmico. Quando lançamos o nosso primeiro livro sobre o tema, uma livraria esotérica encomendou 50 exemplares do livro. Em seguida, todos foram devolvidos com o argumento de que não se tratava de um livro sobre Reiki, mas que era um livro “espírita”. Ao mesmo tempo, as distribuidoras de livros espíritas não quiseram comercializá-lo, com o argumento que Reiki não é espiritismo. Como pensar esse paradoxo?

Resposta - É um exemplo do grau de compreensão em que se encontra a humanidade. Kardec afirmou que espírita é aquele que acredita na manifestação dos espíritos. Os esotéricos também acreditam e, nesse aspecto, eles também são espíritas. O problema é a indústria Nova Era que não aceita nada, gratuitamente. Ela vive do comércio espiritual. O livro traz uma mentalidade nova, que causa um choque e fere seus interesses.

¹³ Certa vez, algum tempo antes de ter contato mediúnico com a espiritualidade, fiz um curso sobre algumas técnicas de Mikao Usui, em um espaço que comercializa o Reiki. Durante o curso, recebi energia de uma mulher que estava completamente transtornada. Ela tinha complexos problemas emocionais em sua casa. Como o “mestre” afirmava, constantemente, que a energia do praticante não interferia no processo, aceitei receber a energia de minha companheira de curso. Passei, após o curso, dez dias com febre e tendo pesadelos todas as noites. Liguei para o mestre que ministrou o curso e ele me falou que eu estava tendo uma “crise de cura”. Futuramente, com a espiritualidade da ONG, fui descobrir que eu havia me intoxicado com tanta energia deletéria. A pessoa em questão despejou suas angústias e crises familiares em cima de mim. Enquanto meu organismo não se libertou daquela energia enfermeira, passei muito mal. A espiritualidade permitiu que isso acontecesse para eu aprender a não me envolver em qualquer experiência, sobretudo naquelas em que se comercializa o contato com a espiritualidade, para o meu próprio questionamento do fato e conseqüente amadurecimento.

Como a mentalidade humana ainda é “cartesiana”, fragmentando o mundo em partes, e como cada escola espiritualista quer dominar o seu pedacinho e não aceitar nada que possa sair de seu controle. E o medo ao novo leva ao fanatismo.

O livro que você escreveu não é perfeito, tem falhas de interpretação que devem ser corrigidas em futuras edições e tem informações que foram pedidas para não serem tornadas públicas. Apesar disso, é um bom livro. Esclarece o papel da espiritualidade e enfatiza o porquê da gratuidade no ensinamento e na aplicação do Reiki.

Pessoas de mente universalista, acima das picuinhas doutrinárias, compreenderão o livro. Outras não. Cada coisa em seu tempo. Se o livro não chega até o leitor por uma via, procurem uma outra. Usem a *internet* para divulgá-lo.

Pergunta 17 – Voltado ao Reiki, quais são os cuidados que se devem ter antes, durante e após cada sessão?

Resposta – Antes de cada sessão é importante se concentrar por alguns minutos, relaxar e fazer uma prece pedindo a presença e a proteção da espiritualidade médica que trabalha na casa. Pode-se deixar um copo de água para o atendente e para o paciente beber, após a sessão.

Durante a sessão, o mais importante é manter o pensamento elevado e a concentração mental. Daí ser inadequado trabalhar em locais onde as pessoas ficam conversando, vendo TV. Algumas pessoas conseguem até fumar enquanto enviam energia. Isto é o cúmulo do absurdo, nesta divulgação mercadológica do Reiki.

É importante permanecer concentrado e com o pensamento elevado para melhorar a qualidade e a intensidade da energia enviada para o paciente. Muitas pessoas se preocupam em desenhar corretamente o símbolo e depois ficam todo o tempo contando os minutos que faltam para acabar a sessão, ou pensando em problemas cotidianos. Essa não é a pessoa adequada para auxiliar a espiritualidade em uma sessão de Reiki.

Após a sessão, tanto o terapeuta quanto o paciente podem, mentalmente, fazer uma prece de agradecimento e tomar a água. O atendente deve deixar um intervalo de pelo menos quinze minutos entre uma sessão e outra. E, sempre que possível, entrar em contato

com a natureza para absorver saudáveis glóbulos de vitalidade e fazer um lanche leve. Além disso, no dia de atendimento, nunca se alimentar com carne, e se abster do consumo de cigarro e bebidas alcoólicas.

Pergunta 18 – Se tudo isso é necessário, então o reikiano não é um simples canal para a energia cósmica?

Resposta – Não adianta a água ser limpa se o cano por onde ela irá circular se mantiver sujo, contaminado. A sujeira do cano poluirá a água. E se apenas a energia cósmica fosse necessária no socorro, a espiritualidade não necessitaria do auxílio dos encarnados. É preciso a energia vital dos encarnados, do ectoplasma. Sem este não há como auxiliar os enfermos. É claro que, quanto mais amor envolvido no ato, mais energia cósmica e apoio espiritual o reikiano vai receber. Porém, é a energia que hoje vocês chamam de energia zôo que nós precisamos para fazer remédios e os instrumentos utilizados durante a sessão.

Pergunta 19 - É importante nos cursos enfatizar que o trabalho principal é feito pela espiritualidade socorrista? Que o atendente é apenas um instrumento doador de ectoplasma? Falar em reencarnação? Isso não pode afastar a pessoa que tem medo de espírito? Algumas pessoas que conhecem tal fato afirmam que nem tudo o paciente deve saber, caso contrário diminuiria o número de pessoas procurando por auxílio.

Resposta – A pessoa que tem medo de espíritos tem medo de si própria. Todos nós somos espíritos, só que uns estão encarnados e outros são incorpóreos. Se a preocupação de vocês for ganhar dinheiro ensinando o Reiki, então omitam a existência dos espíritos, falem que o Reiki cura todos os problemas, inclusive os morais e cármicos. Porém, se vocês querem saldar suas dívidas, querem ajudar o mundo a se tornar mais esclarecido, tanto do ponto de vista intelectual e moral, se desejam purificar sua alma eterna, ensinem a verdade. Falem da reforma íntima sem a qual nenhuma cura acontece. Não importa se vocês terão cem ou cinco alunos. O mais importante é a qualidade do que se ensina.

E as pessoas que falam que se deve omitir a verdade, será que falam isso porque querem ajudar o próximo, ou será que estão com medo de perder um cliente? Vocês não

devem se esquecer que, quanto maior o conhecimento, maior a responsabilidade. Se você já tem certeza que o Reiki é um trabalho espiritual e mesmo assim omite tal informação, com a justificativa que está ajudando a pessoa, analise, realmente, o seu verdadeiro interesse. Muitas escolas iniciáticas só ensinavam os mistérios da reencarnação para os discípulos mais evoluídos, pois uma verdade mal ensinada ou compreendida pode causar mais mal do que bem. Por isso, omitir certas informações pode ser útil, em alguns casos. Mas omitir não é mentir. E se a omissão for por interesses comerciais, as conseqüências serão ainda mais graves. Existem reikianos que enxergam a ação dos espíritos, pois são videntes, e mesmo assim ensinam que não há a participação dos espíritos, e que a energia é inteligente e capaz de curar, de forma milagrosa, todas as doenças. E, para complicar, ainda cobram pela sessão. Eu não gostaria de estar na “alma” desse reikiano.

Pergunta 20 – Então o Reiki não faz milagres, como muitos apregoam? Sem a transformação interior ele é ineficaz?

Resposta - Com certeza. Tanto o paciente necessita se conscientizar da realidade espiritual, assumindo sua obrigação de se transformar interiormente para merecer a cura, como o atendente para emitir fluidos cada vez mais salutares. O reikiano não cura ninguém, e nem mesmo a espiritualidade. É o enfermo que faz por merecer a cura. A espiritualidade sabe como tirar o câncer do pulmão de um fumante inveterado, mas se, em um passe de mágica, o câncer for retirado, tal pessoa aprenderá que o cigarro é nocivo? Se ele precisa aprender pela Dor, será pela Dor que aprenderá. Por isso procurem sempre enxugar o carma de vocês com o Amor, com a mudança de atitudes, de pensamentos e sentimentos. Com a doação desinteressada de energia. Mas nunca prometam a cura, para nenhuma enfermidade.

Pergunta 21 – Uma dúvida que sempre surge quando se ensina o Reiki está na divisão dos diferentes corpos sutis. Devemos seguir a tradição oriental que trabalha com a divisão em sete corpos ou com a divisão trina de Kardec em corpo físico, perispírito e espírito?

Resposta - Depende do público. Ambos os sistemas são corretos. Mostrem os dois sistemas. Um não é, necessariamente, contrário ao outro. Eles não são excludentes. Se for um público majoritariamente kardecista, fale apenas dos três corpos, não entrem em

polêmica estéril. E se for um público que possui noções mais amplas sobre os corpos sutis, pode falar na divisão oriental em sete.

Os dois sistemas são corretos, tudo depende do ponto de vista do observador. E esta informação não fará diferença para o atendimento do paciente necessitado de energia. Este não se importa se o seu corpo fluídico será chamado de perispírito ou de corpo astral. Aliás, muitos pacientes estão mais preocupados com problemas do corpo físico. Eles precisam ser despertados para a realidade dos corpos mais sutis.

Pergunta 22 - Sabemos que, em muitos casos, o paciente adormece e seu corpo astral (perispírito) é levado para tratamento em hospitais do plano espiritual. Quais são os tipos de tratamento que acontecem nesses casos.

Resposta – O tratamento será realizado em função da Fé e do Merecimento de cada paciente, sem ferir a Lei do Carma. Os tratamentos são tanto de ordem física como espiritual. Em relação a estes, é importante vocês estudarem a Apometria e as enfermidades diagnosticadas pelo Dr. Lacerda. Sua obra sintetiza as enfermidades espirituais que costumam ser tratadas em uma sessão de Reiki. A diferença é que, como vocês não são treinados, nem todos conseguem se desdobrar e acompanhar o tratamento realizado pela espiritualidade. Às vezes ocorre o desdobramento do atendente, mas poucos são os que conseguem se lembrar do que aconteceu ou o encaminhamento dado pela espiritualidade.

O Dr. Lacerda, eminente médico e espírita, foi o criador do termo Apometria. Ele descreve em suas obras onze distúrbios espirituais. Neste livro, apenas citaremos os nomes dos distúrbios. Em breve, estará à disposição do leitor, gratuitamente, em nosso site, a descrição de cada um deles, conforme o Dr. Lacerda os estudou e os classificou: indução espiritual, obsessão espiritual, simbiose, parasitismo, estigmas cármicos não obsessivos, síndrome dos aparelhos parasitas no corpo astral, síndrome da mediunidade reprimida, arquepadias, goécia, síndrome da ressonância vibratória com o passado e correntes mentais parasitas auto-induzidas. O leitor interessado também poderá consultar informações no site da Casa do Jardim, acessando-o através do link existente no site da ONG Círculo de São Francisco (www.csf.org.br).

Pergunta 23 – Já tivemos pacientes que descrevem lugares belíssimos durante a sessão. Outros narram que viram uma cachoeira e que sentiam os pés na água. Isso seria real ou fruto da imaginação?

Resposta – Durante o desdobramento, muitos são levados para locais com cachoeira e outros elementos da natureza para repor as energias. Dependendo do grau de sensibilidade da pessoa e do merecimento para se lembrar depois, elas terão a lembrança do que aconteceu durante todo ou parte do tratamento.

Pergunta 24 – E as sensações de agulhadas em várias partes do corpo que muitos pacientes descrevem. O que seria isso?

Resposta – A espiritualidade utiliza diferentes técnicas para tratar os pacientes. Cada corrente espiritual possui uma técnica própria. As correntes orientais gostam de utilizar a acupuntura durante o Reiki. É claro que não são agulhas como as da Terra. São agulhas fluídicas colocadas no perispírito do paciente através do pensamento. Às vezes o tratamento utiliza técnicas de massagem e até Do-In, entre outras.

Pergunta 25 – E existe alguma vantagem ou mesmo desvantagem do reiki em relação ao passe espírita?

A desvantagem está na mistificação. Todas as histórias mistificadoras que assolam o Reiki, os vários graus de médiuns fascinados por histórias de extraterrestres que transmitem símbolos “sagrados” que devem ser mantidos em segredo, como se o símbolo fosse a coisa mais importante e não a mente e a vontade de ajudar; o charlatanismo, as falsas promessas de curar toda e qualquer doença. Todas essas mentiras e mistificações formam o joio que deve ser arrancado.

Mas há, também, inúmeras vantagens, sobretudo, no procedimento junto ao paciente. Ao invés da fila e da impessoalidade que predomina no passe, no Reiki utiliza-se uma maca. O paciente recebe energia com hora marcada. A sessão não é de apenas três minutos. O tratamento é muito mais completo do que em um simples passe, pois este visa harmonizar a pessoa. O que não significa que muitas casas espíritas ou centros de umbanda

não façam os “passes de cura” que são mais longos e voltados para tratamentos mais complexos, como os que a espiritualidade realiza durante o Reiki.

No Reiki não há preconceitos doutrinários que impeçam o atendente de colocar uma música relaxante no fundo, usar essências aromáticas¹⁴ que ajudam no tratamento. Toda a ambiência criada para a sessão de Reiki é importante. Os meios são tão importantes quanto os fins, que são os mesmos no Reiki e no passe. Lembrando, sempre, que nenhuma técnica transgride a Lei do carma e do merecimento.

Pergunta 26 – E em relação à polêmica de tocar ou não no paciente? Nos cursos de orientação mediúnica os passistas aprendem que não se deve tocar, de forma alguma, no paciente. O Reiki, por sua vez, costuma ser feito através do toque. Há problemas em se tocar o paciente?

Resposta – Esta diferença ressalta as diferenças de mentalidade entre o Ocidente e o Oriente, entre a visão de mundo ocidental-cristã e a oriental. Existe muito pavor e incompreensão em relação ao corpo físico aqui no Ocidente. A nossa visão de mundo é dicotômica. Desde a Antiguidade se separa, radicalmente, espírito e corpo. Na verdade, parece que há uma guerra Espírito X Corpo. Em alguns momentos da história ocidental se valoriza o corpo em detrimento do espírito. Em outros, o contrário. Falta para nós a visão integrativa oriental.

No oriente, suas práticas espirituais e mesmo profanas buscam sempre o equilíbrio físico, mental, emocional e espiritual. Não se concebe uma coisa dissociada da outra. Além disso, a massagem ou o toque não tem a conotação pejorativa e sexualizada que tem no Ocidente. O ato de tocar, de massagear é visto com naturalidade no Oriente. Aqui vocês levam tudo para o campo da sexualidade, devido à própria formação cultural e sexual do homem ocidental. Aqui, ao mesmo tempo, onde a maioria das religiões cristãs trata o sexo como Tabu, vocês são bombardeados por propagandas e programas de TV que vivem da exploração de um erotismo desenfreado. O homem ocidental vive angustiado pelo medo do pecado, de um lado, e pelo erotismo exacerbado, de outro.

¹⁴ No segundo livro dessa série publicamos uma lista com essências aromáticas transmitidas pela espiritualidade para uso durante a sessão de Reiki.

Sem segundas intenções, seria possível aplicar Reiki e fazer massagem¹⁵ ao mesmo tempo, principalmente, nos pés. Mas o atendente necessita ter um autocontrole, dominando seus instintos inferiores.

O único momento em que não se deve tocar no paciente é quando, o que é raro, ocorre uma “incorporação”. Se a sala é preparada para o trabalho e é protegida pela espiritualidade, raramente isso irá acontecer. Mas é preciso lembrar que se o paciente for um médium e estiver sob forte ação obsessiva, é necessário mandar energia sem tocar na pessoa e fazer muita prece para a espiritualidade adormecer e levar para esclarecimento aquele irmão obsessor.

Vocês devem sempre se lembrar que na hora do tratamento, seja com o Reiki ou com o passe, o momento não é para desenvolvimento mediúnico e nem para doutrinação.

Pergunta 27 - E por que alguns pacientes incorporam durante o Reiki?

Resposta – Esse processo deve ser evitado e nunca estimulado. Quando o local onde a sessão estiver acontecendo for protegido pela espiritualidade superior, esse risco é quase nulo. Se o paciente vem para a sessão acompanhado por irmãos desencarnados que necessitam de auxílio, estes são retirados e levados para esclarecimentos ou socorro na própria casa, em sua dimensão astral, ou em uma outra casa espiritualista, kardecista ou de umbanda, conforme o grau de compreensão do espírito.

Porém, quando o local não possui a proteção necessária ou quando a sessão é feita na casa do próprio enfermo e, principalmente, em locais de baixa vibração como bares, boates e locais similares, o risco de acontecer uma manifestação mediúnica é maior, obviamente, se o paciente for médium sem estudo.

É preciso esclarecer que, em alguns casos, o paciente pode possuir um obsessor que o acompanha por muitas encarnações. Eles se revezam continuamente. Ora um é o obsessor, ora o outro. E este ciclo de ódio pode se arrastar por muitas encarnações, enquanto não houver o perdão. Eles são tão unidos que se retirarmos o obsessor, o paciente

¹⁵ Com a espiritualidade oriental aprendemos algumas manobras simples que podem ser feitas nos pés, nas orelhas e até nas faces do paciente, desbloqueando energia estagnada no corpo físico e tensões musculares.

pode até desencarnar. Nesse caso, ambos necessitam entrar juntos na sala. Não há como evitar a presença do obsessor durante a sessão. Daí a importância de um cuidado maior do atendente, elevando sempre o pensamento, procurando manter seu padrão vibratório elevado para facilitar o socorro a ambos.

Pergunta 28 – Foi comentado que o Reiki não cura, e que sem o Merecimento do paciente, nada é possível. E como explicar a cura de animais?

Resposta – Nossos irmãos menores, os animais, não estão submetidos á Lei do carma, não, pelo menos, como acontece com os seres humanos. Eles não têm ainda o livre-arbítrio, logo não colhem no presente o que semearam no passado. Ou seja, os frutos de seus atos em encarnações passadas.

Os animais não reencarnam com toxinas perispirituais para serem drenadas para o corpo físico. Porém, sofrem os efeitos da vida “selvagem” da Terra ou das imprudências dos seres humanos sobre o meio ambiente, por exemplo. É por isso que também ficam doentes.

E nem todas as doenças que os seres humanos possuem são “cármicas”, no sentido das expiações de vidas passadas. Muitas são causadas pelas imprudências na vida atual. Pela alimentação inadequada, pelo consumo de álcool, drogas e cigarros, entre outros fatores.

O importante, porém, é ressaltar que nossos irmãos menores não precisam da Fé e nem do Merecimento. Eles não bloqueiam a energia, como uma pessoa sem Fé. Lembremos que Fé não é ter, necessariamente, uma religião, mas estar aberta, receptiva ao tratamento vibracional. É por isso que sempre enfatizamos que não é falta de caridade deixar de atender uma pessoa que não acredita no Reiki, um cético. Não é comum alguém que passa pela sessão dizer que seria bom o marido ou o filho participar de uma sessão, mas que ele não acredita, acha que tudo é bobagem? Pois bem, uma pessoa assim, cria uma capa energética em volta de seu corpo, similar a uma armadura. Nem Jesus seria capaz de atravessar essa barreira com seus fluidos puros e salutares. Isso é o livre-arbítrio. Tal pessoa não iria sentir nenhuma melhora e seria mais um difamador do trabalho.

Por isso, se a pessoa não procura a ajuda, ou não esta receptiva, preocupem-se com aqueles que já estão prontos para serem tratados pelas técnicas mais sutis, vibracionais e não invasivas como são, ainda, as da medicina da Terra.

Pergunta 29 – Para não deixar dúvidas ao leitor, gostaríamos que vocês falassem sobre a “sintonização” no Reiki. Sobre o papel do “mestre” de Reiki nesse processo?

Resposta – O mestre tem um grande papel, sobretudo moral. Você é responsável por tudo o que você ensina aos outros. Os atos que seus alunos tiverem, baseados no que foi ensinado para eles, é de responsabilidade de quem ensinou. É por isso que a missão do professor, seja qual for o nível, é de muita responsabilidade. Os escritores também se encontram nessa categoria. Um livro difamatório, que difunde inverdades, que prega preconceitos etc. vai gerar carma ao escritor. Tudo é regido pela Lei da causa e efeito.

O mestre de Reiki, entendendo aqui como professor de Reiki, porque Mestre só temos um, que é Jesus, deve estimular o uso correto da energia, sem mistificação, sem charlatanismo, através da bondade e do amor incondicional. Como se pode falar em amor incondicional cobrando pela sessão? Esperando algum retorno material ou mesmo espiritual?

Dizer que existe uma energia específica no Cosmos que é acessada apenas por quem foi sintonizado no Reiki, ou seja, pagou para participar de um ritual, é charlatanismo. Então Jesus não teria tido acesso a essa energia? Uma vez que ele não usava nenhum símbolo milagroso. Usava apenas sua vontade e força mental.

Não existe sintonização nenhuma. A pessoa só precisa saber como se preparar antes, durante e após a sessão para não se desgastar; deve se preocupar com o local onde a sessão irá acontecer, e procurar sempre aumentar seu padrão vibratório e contato com a espiritualidade superior através de sua própria reforma íntima.

O verdadeiro mestre de Reiki ensina através do exemplo, através da humildade e da resignação. Sua transformação interior, através do abandono de vícios, do orgulho e do egoísmo é o sinal de que se tornou seu próprio mestre.

Conclusão

Crê-se geralmente que, para convencer, basta mostrar os fatos; esse parece com efeito o caminho mais lógico, e, todavia, a experiência mostra que não é sempre o melhor, porque vê-se, freqüentemente, pessoas às quais os fatos mais patentes não convencem de modo algum. A que se deve isso?

Allan Kardec

Este livro encerra a trilogia de estudos sobre o Reiki, sob a inspiração de algumas entidades espirituais das chamadas “Correntes Orientais”. O objetivo desta trilogia, conforme orientação das entidades comunicantes, é o de resgatar a dimensão sagrada e espiritual do Reiki, rompendo com as mistificações criadas pela indústria “Nova Era”. Essa trilogia foi iniciada em 2004 com a publicação do livro “*Dharma-Reiki: o aprimoramento espiritual e a caridade como caminhos para a cura*”, que enfatizou a necessidade da reforma íntima, o valor da Fé e do merecimento para se obter a cura. O trabalho prosseguiu, em 2005, com a publicação do livro “*Os símbolos do Reiki e seus ensinamentos morais*”, desmistificando o papel dos símbolos e os reconduzindo ao seu devido lugar, como representação de ensinamentos morais, relacionados, diretamente, ao caminho da Iluminação, dentro da tradição budista.

Este último livro da trilogia foi “encomendado” pela espiritualidade para denunciar o charlatanismo e as inúmeras mistificações que cercam o Reiki, além de servir como uma espécie de manual de “auto-iniciação” para todos os interessados em servir, desinteressadamente, visando apenas o bem-estar do próximo e a evolução espiritual do planeta Terra como um todo.

Com o encerramento da trilogia, acredito ter encerrado esse meu compromisso com a espiritualidade no que se refere ao estudo e difusão do Reiki, podendo, assim, se for do

meu merecimento, partir para um novo vôo espiritual mais profundo. Sei que esta trilogia incomodará aqueles que fazem do Reiki uma profissão, mas estou com a minha consciência tranqüila por ter aceitado o convite da espiritualidade para tecer estes três livros e torná-los públicos. Apenas o tempo poderá dizer quem tem razão, a espiritualidade que transmitiu tais concepções sobre o Reiki ou a indústria “Nova Era”.

Gostaria de ressaltar que, em 2001, fui convidado para assumir este compromisso porque a pessoa que deveria fazê-lo, na atual encarnação “entrou de cabeça” na dimensão comercial do Reiki, abandonando, dessa forma, a missão que havia assumido antes de encarnar. Procurado pela espiritualidade, aceitei o convite mesmo sabendo que não seria um trabalho tão simples, pois encontraria muitas barreiras e receberia muitas críticas, inclusive dos “espíritas” que classificariam o trabalho da ONG e estes livros como “não-doutrinários”.

Uma entidade espiritual médica, mentora da chamada Associação Médico-Espírita, havia me orientado para não responder às críticas que recebesse e continuasse a pesquisar, concentrando-me na produção dos textos. Cometi algumas gafes com a espiritualidade, divulgando algumas “curiosidades” que me foram reveladas e que não eram para se tornarem públicas, como algumas de minhas encarnações e o fato de Mahatma Gandhi e São Francisco de Assis serem personalidades vividas pelo mesmo espírito. Essa é uma informação que poucos estão capacitados para compreender, mesmo no meio espírita, pois muitos não conseguem aceitar que uma personalidade que não seja cristã, como Gandhi, possa ser evoluída. Uma *médium* kardecista, avessa aos trabalhos socorristas dos índios e dos pretos-velhos, nos disse que Gandhi não podia ser um espírito tão evoluído porque ele não era cristão. São Francisco teria, assim, “involuído” se tivesse deixado de ser cristão para se tornar hindu.

Infelizmente, essa pessoa, como muitas outras, desconhece que nem toda alma que adquire uma sensibilidade crística é, necessariamente, cristã. E nem todo aquele que se diz cristão possui uma alma crística.

Apesar de alguns obstáculos, a força obtida junto ao mundo astral foi importante para, nesses mais de quatro anos, prosseguir nos trabalhos e implantar, na cidade de São

Carlos, a ONG Círculo de São Francisco, no ano de 2003. Na ONG difundimos, gratuitamente, cursos e atendimentos de Reiki para as pessoas interessadas.

Segundo a espiritualidade, uma das maiores farsas do movimento “Nova Era” é o Reiki. Esta técnica se tornou a coqueluche do momento, com revistas e livros “especializados”. Rituais e malabarismos são criados diariamente para criar espetáculos cada vez mais caros. A “sintonização” na técnica costuma ser mais cara quanto mais apetrechos são utilizados no ritual-espetáculo. Alguns “mestres” assopram as mãos do iniciante, outros usam penas, outros espadas e assim por diante. Porém, a única coisa realmente necessária para se enviar energia ou Reiki é a boa vontade, o amor e o pensamento elevado.

O Reiki nada mais é do que a emissão de nossa energia vital ou ectoplásmica. Todos nós temos energia para doar, uns mais outros menos. No espiritismo, a pessoa que tem muita energia para doar é chamada de “médium de cura”. Estas pessoas são as que terão condições de trabalhar com o Reiki. Uma pessoa que não tenha energia para doar, mesmo que faça o curso com o mais popular mestre de Reiki, não terá como ajudar a espiritualidade socorrista. E quanto mais Fé a pessoa tiver, mais auxílio do Alto ela obterá.

Ninguém precisa de mestre, de símbolos ou de qualquer outro objeto material para enviar Reiki. Há mestres que dizem que somente o “kit esotérico” comprado em sua própria loja é capaz de ajudar a pessoa a enviar Reiki, entupindo o incauto de espelhos, cristais, flautas de bambu e outros apetrechos.

A pessoa que acredita que só será “sintonizada” quando alguém falar algumas palavras de ordem, assoprar suas mãos, fazer com que fique em posições ridículas, como colocando as mãos entrelaçadas sobre a cabeça por cinco minutos e, além disso, paga R\$ 500,00, R\$ 1.000,00 ou até R\$ 5.000,00 para este teatro, infelizmente desconhece que a realidade espiritual é muito mais simples e que está sintetizada na frase de Jesus: “bata e a porta se abrirá”.

O ensino do Reiki é importante, mas em relação ao como proceder para enviar energia sem se enfraquecer, sem sofrer nas mãos de entidades obsessoras e para enfatizar a importância da reforma íntima e os ensinamentos morais dos símbolos. Infelizmente, o que costuma ser deixado de lado nos cursos de Reiki.

Como afirmou kardec (G, p. 10), o espiritismo deve ser a resultante do ensinamento concordante e coletivo dos espíritos. E, mesmo que os kardecistas não aceitem discutir o Reiki, os espíritos, em vários trabalhos mediúnicos pelo Brasil afora, afirmam que ele é uma técnica que deve ser praticada sempre de forma desinteressada e gratuita.